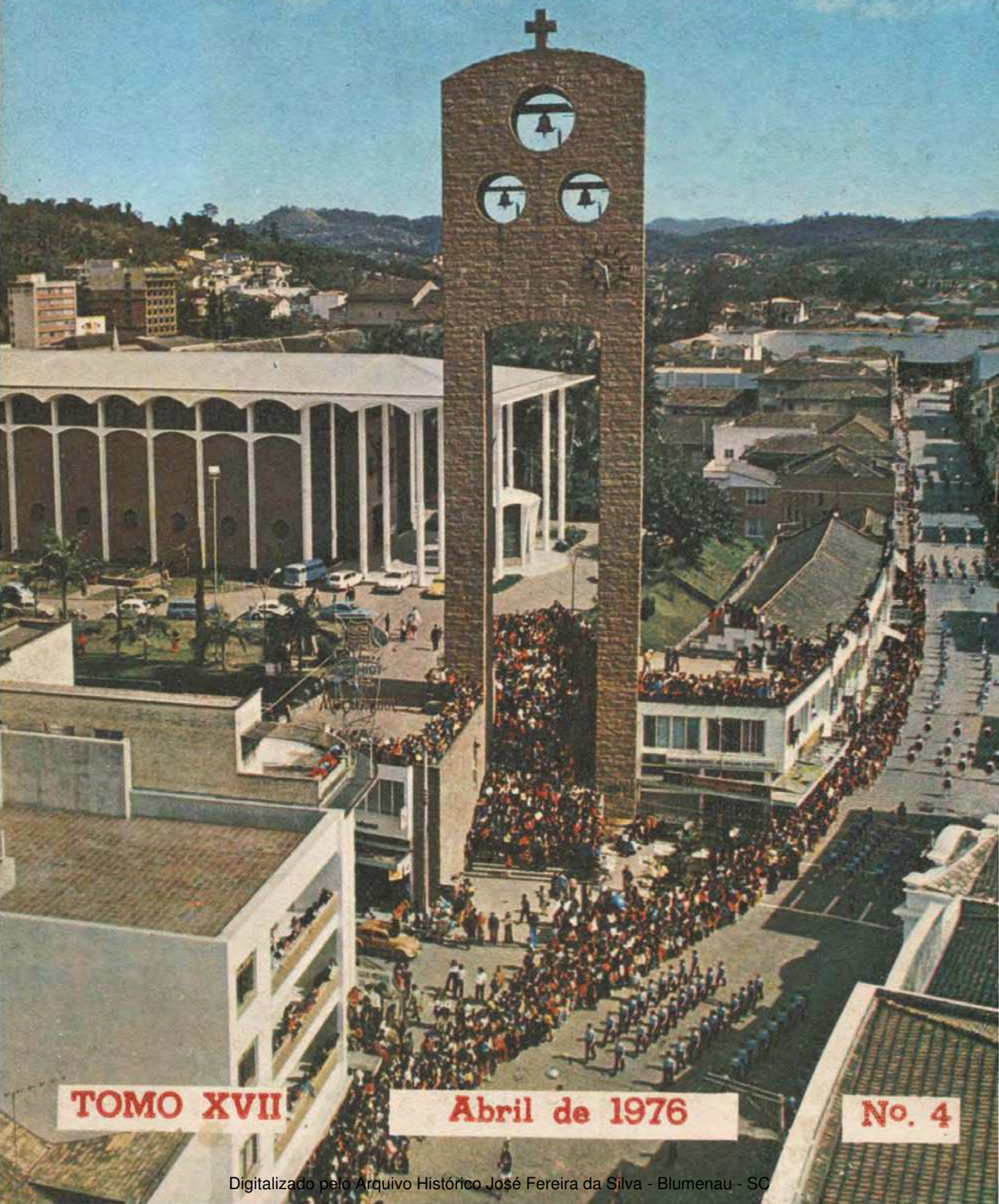


Blumenau em Cadernos



TOMO XVII

Abril de 1976

No. 4

CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver
graças à generosa contribuição dos
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau
Artur Fouquet - Blumenau
Georg Traeger - Blumenau
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau
Felix Hauer - Curitiba
Conrado Ildefonso Sauer - Rio de Janeiro
Fritz Kuehnrich - Blumenau
Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque
Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau
Consulado Alemão - Blumenau
Tipografia Centenário Ltda. - Blumenau
Transportadora Blumenauense Ltda. - Blumenau
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau
Malharia Maju S/A. - Blumenau
Moellmann S/A. - Comercial - Blumenau

Blumenau

em Ladernos

TOMO XVII

ABRIL DE 1976

Nº. 4

PEQUENA HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DE BLUMENAU — 1850-1883

Dr. Paulo Malta Ferraz

(Continuação do número anterior)

Antes de terminar o ano de 1852, ocorreu na colônia um fato que alarmou os seus moradores: um grupo de índios atacou a residência do dr. Hermann Blumenau, situada à margem do ribeirão da Velha. O ataque, que se verificou à tarde do dia 28 de Novembro, quando dr. Blumenau estava na capital da Província, foi repellido por dois colonos moradores nas proximidades. O dr. Fritz Müller, em notas que escreveu para amigos e conhecidos, sobre a sua instalação à margem do Garcia, descreveu o ataque dos bugres à propriedade do dr. Blumenau, assim:

“Quando, pelas três horas, um dos colonos saiu de casa viu cinco homens, armados com arcos e flecha, aproximarem-se da casa, vindos de um morro próximo, onde havia plantação de mandioca. O sexto bugre ficara no morro. O branco aproximou-se deles, de modo pacífico, colocou o fuzil no chão e fez-lhes sinal com um ramo verde, para que eles se aproximassem sem armas. Os índios hesitaram e pareciam aceder aos gestos do branco, quando a um sinal de seu chefe, começaram uma gritaria pavorosa e, batendo com as mãos espalmadas nas coxas, avançaram em sua direção. O outro colono branco que ali chegara alarmado com a gritaria dos indígenas, atirou para o ar, a fim de amedrontá-los. Os bugres estacaram, mas logo depois continuaram avançando. Os dois brancos voltaram correndo

para casa, mandaram a mulher para o Garcia, a fim de pô-la em segurança e, se preciso fosse, pedir auxílio. Em seguida, ambos os colonos esconderam-se numa choupana ao lado da casa. Os bugres aproximaram-se fazendo grande alarido, cravaram suas flexas na parede da casa e começaram a saqueá-la. Chegaram a entrar no quarto do dr. Blumenau. Nessa ocasião, um dos índios é atingido por um tiro, desfechado por um dos brancos. Ao sentir-se ferido, o índio lança sua arma no chão e foge, gritando, sendo seguido pelos seus demais companheiros. Os brancos continuaram atirando contra eles e mais um índio saiu ferido, mortalmente. Os bugres embrenharam-se, de novo, no mato, e mesmo quando já se encontravam bem longe, ainda se podiam ouvir os seus gritos apavoradores. No dia seguinte, foi encontrado um dos selvagens, agonizante" (33).

O ano de 1853, porém, ao contrário do que todos esperavam, não foi propício ao desenvolvimento da colônia. Temporais violentos e chuvas copiosas em Novembro desse ano, causaram grandes enchentes do rio Itajaí-açu e seus afluentes, cujos efeitos foram desastrosos para a lavoura. Mas, além da enchente, esse ano trouxe inúmeros pesares ao fundador da colônia, entre outros, a morte de alguns colonos, por afogamento no Itajaí-açu. Eis as razões por que, mais tarde, em carta a um amigo na Alemanha, o dr. Blumenau escrevia:

"O ano de 1853 passou muito ligeiro, entre trabalhos excessivos e muitas amarguras. Devido aos poucos recursos que eu tinha, era obrigado a fazer, apenas, as despesas mais necessárias e não podia ter empregado. Fiz traçado de novos caminhos, marquei derrubadas, comprei, vendi e distribuí víveres, tudo eu sozinho, tendo, pois, muito pouco tempo para pensar noutras cousas.

Aqui, não tenho um só dia de sossego; de todos os lados me procuram e há necessidade de se ter a paciência de um anjo para se suportar tudo" (34).

A população colonial nesse ano aumentou com a vinda de 25 novos imigrantes, entre os quais se encontrava Hermann Wendeburg, que, no futuro, se tornaria vulto de grande projeção na vida administrativa da colônia. De fato, reconhecendo as suas qualidades de inteligência e sua dedicação ao trabalho, o dr. Blumenau fez de Hermann Wendeburg seu imediato colaborador na direção da empresa. E quando, em 1860, a colônia passou ao Governo Imperial, o dr. Blumenau que continuou como seu diretor, obteve a nomeação de Hermann Wendeburg para o cargo de guarda-livros e de seu substituto eventual na direção da colônia. Bem acertada foi, aliás, a escolha do dr. Blumenau, porque no exercício de suas funções, Her-

mann Wendeburg prestou inegáveis serviços à coletividade e revelou sempre dedicação e carinho excepcionais pelas cousas e pela gente blumenauense.

A vida da colônia quase não se alterou nos anos seguintes, 1854 e 1855. Em 1854, fixaram-se na colônia 146 imigrantes, sendo trinta e uma famílias e vinte solteiros.

Referindo-se ao ano de 1854, o dr. Blumenau escreveu, cheio de desalento, as seguintes palavras:

“Desgostos, trabalhos excessivos, miséria, a vida sem um único e breve raio de alegria, o triste pressentimento de estar empregando inutilmente as minhas energias e o meu último vintém, deixaram-me exausto, impossibilitado de trabalhar como no tempo passado.

A perspectiva, pois, nada tinha de risonha, os meus recursos estavam quase no fim pela carestia reinante e pelos muitos auxílios pecuniários prestados aos imigrantes. Eu não podia contar com rendimentos; a imigração se fazia lentamente porque na Alemanha, principalmente na Prússia, as autoridades faziam uma guerra tremenda à emigração para esta terra riquíssima que, para ser grande, se ressentia apenas da falta de braços para o trabalho” (35).

Entre os fatos de maior relevância do exercício de 1854, deve-se registrar a instalação, na sede da colônia, da primeira escola pública primária, que ficou sob a direção do professor Fernando Ostermann. Desde que chegara à colônia, em 1852, esse professor se esforçou por falar e escrever corretamente a língua nacional, tendo, para esse fim, ido residir algum tempo em cidades brasileiras. O professor Ostermann, que se naturalizara brasileiro e fora aprovado no exame de habilitação para exercício do magistério, foi nomeado, em 13 de Junho de 1854, pelo Presidente da Província João José Coutinho, regente da cadeira de primeiras letras então criada na colônia com o direito à remuneração anual de Rs. 350\$000.

No ano de 1855, chegaram à colônia apenas 32 imigrantes. A situação financeira do dr. Blumenau tornara-se ainda mais precária. Foi então, que ele resolveu, mais uma vez, apelar para o Governo Imperial, no sentido de obter o indispensável apoio financeiro para o seu estabelecimento. Partiu logo para o Rio de Janeiro, onde, em Abril de 1855, conseguiu com o Governo um acordo de financiamento.

Pelo contrato então firmado, o Governo obrigara-se a adiantar, sem juros, oitenta e cinco contos de réis, sendo vinte

e cinco contos no primeiro ano e dez contos por ano, nos seis seguintes. O Governo Imperial ficava, ainda, obrigado a conceder durante sete anos a verba de oitocentos mil réis anuais para pagamento de um ministro protestante (36). Além disso, o Governo concedia a importância de dez contos de réis para a compra de terrenos junto ao porto do rio e a construção de uma ponte de desembarque (37). O Governo emprestava, outrossim, a quantia de trinta e dois contos para a construção de um caminho, ligando o vale do Itajaí ao planalto. Este último empréstimo deveria ser amortizado a partir do quarto ano, com a prestação anual de oito contos de réis (38). Por sua vez, o dr. Blumenau assumia perante o Governo Imperial o compromisso de introduzir e estabelecer na colônia, dentro do prazo do contrato, 4.000 colonos alemães ou dos Estados Unidos da América do Norte, sendo que nos cinco primeiros anos, deveriam entrar, pelo menos, 1.600 imigrantes e nos dois anos seguintes, os restantes 2.400. Em garantia do empréstimo, ficava hipotecado ao governo o seu sítio da Velha. Mas, as partes de terras devolutas concedidas ao dr. Blumenau não ficavam gravadas pela referida hipoteca, afim de que ele pudesse vender os lotes aos imigrantes, livres e desembaraçados de qualquer ônus (39). O pagamento dos adiantamentos efetuados pelo Governo far-se-ia, em parte, pelas indenizações que seriam conferidas ao dr. Blumenau, por imigrantes que ele introduzisse na colônia, sendo as indenizações de vinte mil réis por indivíduo de 5 a 10 anos e de trinta mil réis, quando o imigrante era maior de 10 e menor de 45 anos de idade (40).

Com o auxílio pecuniário recebido do Governo Imperial, tratou o dr. Blumenau de incentivar a imigração para a sua colônia. Para este fim especial, em Junho de 1855 enviou o seu sobrinho Reinhold Gaertner à Alemanha, com poderes e instruções especiais para combater a má vontade dos governos alemães, notadamente o da Prússia, no que dizia respeito à emigração (41). Encarregou-o, ainda, de publicar na Alemanha o seu livro "Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Santa Catarina in Sued-Brasilien", aparecido em princípio de 1856 no qual o dr. Blumenau combate todas as prevenções contrárias à vinda de alemães para o Brasil e exalta as condições vantajosas de sua colônia. Reinhold Gaertner desincumbiu-se satisfatoriamente de sua missão, pois, apesar de todos os entraves, conseguiu trazer para a colônia 292 imigrantes, que aqui chegaram nos primeiros dias de 1856.

Dois acontecimentos dolorosos abalaram a vida da colônia em 1856; uma enchente do rio Itajaí-açu, que causou extensos estragos à lavoura e um assalto dos índios. Foi em 9 de Fevereiro que os selvícolas atacaram a propriedade do colono Augusto Hamester, em Itoupava Seca, matando-o juntamente com seu empregado Johann Kaben. Ambos os colonos trucidados pelos selvagens haviam chegado à colônia no mês anterior (42).

No ano de 1857, a imigração continuou elevada. Estabeleceram-se aqui, durante esse ano, 199 imigrantes. Em 23 de Julho, informa Robert Gernhard (43), chegou à colônia o pastor Oswald Hesse, primeiro ministro protestante de Blumenau, que oficiou o culto pela primeira vez, no dia 9 de Agosto. O pastor Hesse que se notabilizou no meio colonial pelas suas virtudes e seu interesse pela educação da mocidade, exerceu o seu sacerdócio até 1887, quando veio a falecer (44).

No ano seguinte (1858), a imigração, de novo, começou a declinar. Apenas 81 imigrantes chegaram à colônia. Não obstante, o dr. Blumenau sentia-se animado e certo do futuro engrandecimento de sua empresa. A colônia fora elevada à categoria de distrito de paz, pela lei nº 461, de 6 de Agosto. A lavoura progredira admiravelmente. A safra de cana atingiu cerca de 2.430 arrobas. A colheita de milho, também, foi abundante e suficiente para o consumo da colônia.

A indústria fora enriquecida, pois, nesse ano, instalaram-se mais os seguintes estabelecimentos: uma fábrica de louças de barro, três engenhos de farinha de mandioca, dez de açúcar e dez alambiques. Para melhorar o gado, o diretor da colônia introduziu touros e novilhos da raça tourina. Algumas obras públicas, outrossim, foram efetuadas no transcurso desse exercício, a saber: a casa de moradia do pastor, uma casa para abrigo de imigrantes, na povoação da colônia, um rancho para o mesmo fim, situado nas proximidades do ribeirão Itoupava, um plano inclinado, carro e guindaste para carga e descarga de bagagens, situado à margem do rio, na sede da colônia (45).

Durante o ano de 1859, entraram em Blumenau apenas 71 imigrantes. As dificuldades que se antepunham ao mais rápido e perfeito desenvolvimento da colônia, tornavam-se cada vez mais numerosas e insuperáveis. O dr. Hermann Blumenau pôde, então, verificar quão gigantesca era a tarefa de que se

incumbira. Chegou à conclusão de que não poderia cumprir as obrigações que contraíra pelo contrato de financiamento de 1855. Por essas razões, o dr. Blumenau entendeu-se com o Governo Imperial e conseguiu, em 13 de Janeiro de 1860, fazer a cessão de sua colônia ao Governo, pelo preço total de cento e vinte contos de réis, do qual seria descontada a quantia de oitenta e cinco contos que já lhe fora adiantada nos anos anteriores. Pelo contrato de cessão de sua colônia, o dr. Blumenau ficava, a título efetivo, exercendo as funções de diretor da Colônia Imperial até a sua extinção. Esta circunstância, conforme salientou o historiador José Deeke (46), foi um dos mais importantes fatores do progresso de Blumenau, porque assegurou à Colônia a continuidade do sábio e dedicado governo de seu próprio fundador.

Com este ato do Governo Imperial, inaugurou-se para Blumenau um período de grande prosperidade. Até então, pode-se afirmar, contara a Colônia apenas com a abnegação do seu fundador e os esforços dos colonos. A partir de 1860, porém, ao interesse constante e à orientação inteligente do dr. Blumenau, aliaram-se o valioso apoio do Governo e a proteção pessoal do próprio D. Pedro II. Para que melhor se possa apreciar o valor do auxílio do Governo Imperial, basta salientar que, no primeiro ano, a verba destinada à colônia foi de Rs. 12:912\$560. Não era uma importância vultosa, mas, como frizou José Deeke com inteira procedência: “considerando-se que o dr. Blumenau mantivera o empreendimento durante dez anos com a sua fortuna pessoal de vinte e cinco contos de réis, bem podemos avaliar o que significava para a colônia o capital empregado pelo governo” (47).

Com melhores e mais amplos recursos, pode o dr. Blumenau ir avante nos seus propósitos. E quando, vinte e poucos anos após extinguiu-se a Colônia pela sua ereção em município autônomo, o dr. Blumenau podia sentir-se verdadeiramente feliz, por haver realizado com inexcedível brilhantismo, na idade propecta, o ideal de colonizador que fora o sonho dourado de sua mocidade, a suprema aspiração de sua existência.

CAPÍTULO IV

Como Viveram os Primeiros Colonos

Sacrifícios, renúncias e tristezas, caracterizaram a vida dos colonos blumenauenses na década 1850-1860. Somente o firme propósito de criarem para os seus descendentes um novo lar mais farto em uma nova pátria mais generosa, deu-lhes o ânimo e a perseverança indispensáveis para vencerem tantas dificuldades e aflições.

De início, deve-se salientar entre os motivos de maior sofrimento para os colonos, o trauma efetivo inerente ao emigrante. Por mais imperiosos que sejam os motivos que levam o indivíduo a emigrar, não se opera impunemente para a personalidade, o abandono da terra natal, o desprendimento dos velhos conhecidos e amigos, a rutura de arraigados hábitos e costumes.

A consequência natural e imediata da emigração, é o trauma psicológico profundo e aflitivo que martiriza o emigrante nos primeiros tempos e se manifesta em sua vida na nova terra, conforme as condições personalíssimas de cada um, pela tristeza, pela saudade, pelas atitudes anti-sociais de rebeldia e, por vezes, pelas perturbações psíquicas. No caso da emigração para Blumenau, os padecimentos dos colonos, oriundos de seus esforços de adaptação ao novo habitat ainda mais se agravavam porque, acostumados a vida de aldeias ou cidades européias, viam-se, de chofre, em plena mata virgem da região sub-tropical de um país que lhes era quase desconhecido. Não podiam ser mais completas, portanto, as modificações no estilo de vida do emigrante alemão que se destinava a Blumenau. E tais alterações estendiam-se dos hábitos alimentares, do tipo de habitação, do método de trabalho, até às atividades recreativas.

Um ligeiro retrospecto sobre o modo de vida dos primeiros colonos blumenauenses mostrará que a árdua tarefa de colonizar, exigiu daqueles humildes e anônimos pioneiros de civilização nas selvas marginais do Itajaí-açu, um elevado tributo de esforços, abnegação e tenacidade.

Em primeiro lugar, o clima demasiado quente no verão acarretava para o colono recém-chegado, algumas perturbações fisiológicas, tais como dores de cabeça, eczemas e sensação de

fadiga. Mas, esses incômodos, como explicava o dr. Blumenau, passavam com brevidade, sobretudo se o colono adotava métodos de alimentação e de trabalhos adequados ao meio (48).

O rio, que era a via natural e única comunicação entre os diversos pontos habitados, tornava-se, por vezes, um obstáculo ao bom desenvolvimento da Colônia. As suas enchentes periódicas, não só destruíam o produto de trabalho de alguns meses, como punham em perigo a própria vida do colono. A simples navegação do rio não era isenta de perigos para aqueles que não sabiam utilizar, com a necessária perícia, as canoas finas e compridas. Aliás, logo no começo do ano de 1852, o obituário da colônia se iniciava com a morte por afogamento no Itajaí, do carpinteiro Daniel Pfaffendorf. E por muitos anos, enquanto o Itajaí e seus afluentes foram os únicos meios de locomoção, a crônica de Blumenau registrou elevada percentagem de afogamentos.

A selva, que então cobria todo o vale, não era também um obstáculo fácil de vencer. A derrubada da mata para o preparo das primeiras roças ou construção de rancho primitivo, não raro causava acidentes, porque as copas das gigantescas árvores ligadas às vizinhas por fortes cipós, arrastavam na sua queda galhos da grossura de árvores e, por esse mesmo motivo, algumas vezes a direção da queda ocorria de modo diverso do previsto pelo corte. Um acidente dessa natureza, felizmente sem maior gravidade, ocorreu com o sábio Fritz Müller, que assim o narrou em uma de suas cartas para sua irmã Röschen.

“Ainda preciso contar-te que uma vez quasi perdi a vida no mato. Havíamos cortado árvores e estávamos partindo os galhos espalhados no chão. Encontrava-me entre os galhos de uma laranjeira, quando ouvi chamar o meu nome e vi que o palmito que Augusto estava cortando, caía em minha direção. Não pude fugir tão depressa e o tronco bateu na minha cabeça. Caí sangrando, no chão. Logo, porém, recuperei os sentidos e com compressas que fiz durante toda a tarde, melhorei bastante. Mas, ainda hoje, muito sol faz mal à minha cabeça. Cortar árvores aqui na mata, é muito perigoso, pois, muitas vezes, a direção da queda dos troncos cortados é desviada por cipós e outras plantas” (49).

Além dos perigos das derrubadas, a selva ocultava dois terríveis inimigos dos colonos: os índios e as feras.

Os índios foram, desde o princípio do estabelecimento colonial, o terror constante dos colonos. Pouco numerosos, mas

astutos e destros em seus ataques, os senhores da floresta, que quasi sempre atacavam de surpresa, fizeram muitas vítimas. Aqueles imigrantes que se localizavam nos pontos extremos da colônia, viveram por muitos anos em contínuo sobressalto pelo fundado receio de saques e morticínios por parte dos selvícolas. A relação completa de seus ataques à zona colonial, estende-se, no tempo, desde 1852, data do primeiro assalto à propriedade do dr. Blumenau, na Velha, até quase aos nossos dias, quando se fez a pacificação do grupo remanescente de botocudos, que habitava, então, a zona do rio Plate.

A vida dos colonos durante os primeiros anos, foi perturbada ainda pelos ataques de animais perigosos: onças, cobras venenosas, etc. As cobras venenosas foram, sem dúvida, permanente e traiçoeira ameaça à vida dos colonos, porque naquela época não dispunham eles de eficientes recursos terapêuticos contra o envenenamento produzido por mordida de cobra. Aliás, é muito possível que um exame mais detido no obituário colonial venha a confirmar a tradição oral existente, de que foram numerosos e frequentes os casos de morte em consequência de picadas de cobra. Tão contraditórios, de fato, foram em Blumenau, esses perigosos ofídios, sobretudo os da espécie denominada "jararaca", que um riacho situado no bairro da Velha conserva, ainda hoje o nome bastante expressivo de "Jarakenbach", — evidente corruptela da palavra "jararaca", seguida pelo designativo "bach" que, em língua alemã, significa "ribeirão". É verdade que em consequência do desbravamento da mataria circundante, esses perigos, pouco a pouco, desapareceram. Mas, inicialmente, os colonos tiveram de suportar horas intermináveis de desespero, angústia e inquietação ante a ameaça das cobras e das feras. A propósito dos ataques de feras, Fritz Müller, que foi um autêntico colono blumenauense, escreveu naquela época o seguinte relato:

"Ultimamente, nossa vida teria decorrido muito calma, se não aparecesse algo que apavora toda a colônia a visita repetida de onças ao jaguares. Uma manhã, contou-me meu vizinho, que durante a noite um tigre, como aqui também denominam as onças, devorara seu cachorro. Não quis acreditá-lo, porém, logo duas noites após, apareceram mortos dois porcos de meu vizinho e, na manhã seguinte, encontramos pelo caminho uns rastos de animal, que devia ser muito grande e devia estar acompanhado por outro menor, do tamanho de um gato bem grande. Preparamos, logo, as espingardas, as armadilhas e guardamos bem os animais. À noite, depois de se ter notado o desaparecimento de um ca-

chorro, um grito repentino fez acordar meu irmão August. Em companhia de S..., meu irmão foi ao chiqueiro e viu que duas táboas do tecto estavam separadas e no chão encontrava-se um porco morto. Pelas marcas de sangue, via-se que a onça já erguera a sua presa até ao tecto. Ambos, então, pegaram o animal morto e o amarraram a um tronco de árvore, próximo à casa. Mal se postaram, armados de espingardas, atrás da janela da casa, quando reapareceu a onça, que foi recebida com dois tiros. Por um pequeno instante a fera estacou. Depois fugiu aos saltos para a mata. Na manhã seguinte, seguimos, por muito tempo, as marcas de sangue, mas, desde então, a fera não mais apareceu" (50).

Os hábitos alimentares dos colonos da margem do Itajaí-açu, igualmente, diferiam daqueles a que estavam acostumados na velha Europa. O pão de trigo ou de centeio, a batata inglesa e os legumes diversos, constituíam, na Europa, a base normal de alimentação do camponês ou do cidadão. Em Blumenau, porém, o trigo e o centeio foram substituídos pela farinha de milho ou de mandioca, a batata inglesa, pelo aipim ou pelo palmito, os legumes, só quando as roças não eram prejudicadas pelas enchentes ou pelas geadas, apareciam à mesa dos colonos. Leite, ovos, queijo, linguiça e carne fresca, foram luxos que só após alguns anos de trabalhos incessantes e com o desenvolvimento da lavoura e da pecuária, passaram a integrar o cardápio habitual do colono. Sobre a alimentação dos colonos, nessa época, uma publicação intitulada "Contos de um velho colono blumenauense", publicada no almanaque "Volksbote" (Mensageiro do povo) para o ano de 1903, informa com bastante senso de humor e em linguagem pitoresca, o seguinte:

"Quase não havia cereais, a não ser o feijão, plantas bulbosas, das quais agora há tanta abundância, foram importados aos poucos, com dificuldade e muitas despesas das colônias mais antigas, de outras províncias e até da Europa. Verificou-se o mesmo fato, com as mudas e sementes de legumes e flores. Açúcar, farinha de trigo e arroz, eram contados entre os artigos de luxo. Se não havia farinha de mandioca, comia-se palmito com feijão. Quando escasseava o fubá de milho, fazia-se o pão de farinha de mandioca. É verdade que muitos faziam caretas ao mastigá-lo e, de fato, custava a ser tragado. O pão de mandioca se era muito assado ficava duro e seco; se porém, não se deixava assar bastante, o recheio ficava húmido e crú. Com o tempo, todos se acostumavam, mas sentiam falta do pão de centeio" (51).

Mas, os pioneiros da colonização de Blumenau se sujeitaram a muitos outros desconfortos. O tipo primitivo da

casa do colono deixava muito a desejar. As palmeiras forneciam quase toda a matéria prima necessária à confecção de casa primitiva; os troncos partidos e ligados por cipós formavam as paredes; as folhas entrelaçadas e amarradas às ripas, serviam de tecto. Uma armação de paus e cipós encostada a uma das paredes, substituiu o leito. Troncos de árvores e caixotes, supriam a falta de cadeiras e mesas. A iluminação da casa, durante a noite, era, às vezes, um problema de difícil solução para o colono. O azeite de baleia, de odor insuportável, ou a vela de sebo, eram os meios comuns de iluminação. Mas, quando no único armazém da Colônia se esgotava o estóque de azeite de baleia e velas de sebo, os colonos passavam mal. Uns conseguiam um velho tronco de aribá, cujas lascas forneciam ótima iluminação. Outros, se estavam em pleno verão, improvisavam uma lâmpada verdadeiramente original; apanhavam muitos vagalumes e os prendiam sob um copo virado. Mas; a maioria, por certo, ficava na escuridão, o que podia não ser agradável, mas era, sem dúvida, muito prático (52).

Na primeira década da história de Blumenau, os colonos não tiveram ao menos, o conforto espiritual da prática constante de seus cultos religiosos. Nos primeiros dois anos, o dr. Blumenau, de quando em quando, fazia preleções aos colonos, sobre temas de moral cristã. Já em 1853 o professor que aqui chegara, Fernando Ostermann, fazia prédicas religiosas, mas somente nos dias de festa do calendário cristão. Como não havia igreja, os ofícios eram celebrados num pequeno compartimento da única hospedaria então existente, onde o dr. Blumenau instalara o seu escritório. Só a partir de 1857, com a chegada do pastor Oswald Hesse, puderam os colonos protestantes contar com a assistência religiosa mais contínua. Ainda pior era a situação dos poucos católicos romanos moradores na Colônia. Estes tinham de percorrer cerca de duas léguas de maus caminhos, até a igreja de São Pedro Apóstolo, em Gaspar, para assistirem à sagrada missa. Somente em 1876, com a designação do padre José Maria Jacobs para vigário residente, os católicos de Blumenau passaram a ter completa e constante assistência religiosa.

Eram, também, escassas as recreações de que os primeiros colonos podiam usufruir. A população pequena, isolada na selva e a necessidade de conjugarem seus esforços para vencerem as dificuldades comuns, originavam uma espécie de

sociabilidade mais íntima e ininterrupta entre os colonos. Aos domingos, conta o velho Colono Blumenauense, as famílias se reuniam nessa ou naquela casa, para comentar os acontecimentos da semana, as alegrias e mágoa da vida do colono na selva. As vezes, alguém trazia um livro para ser lido em voz alta e cujo assunto era analisado em todos os pormenores (53). Pode-se, pois, afirmar que foram as palestras entre vizinhos e companheiros, as únicas formas de recreação dos colonos blumenauenses nos primeiros anos da vida colonial. As formas mais genuínas de cultura germânica, as associações de tiro ao alvo, ginástica, canto orfeônico, representação teatral e jogo de boliche, só mais tarde, com o começo da urbanização da Colônia, começaram a surgir em Blumenau.

Data de 2 de Dezembro de 1859, a organização da primeira sociedade de atiradores em Blumenau, que reviveu esse medieval festejo popular germânico, com a instituição do "rei do pássaro". Transposto para a mata virgem, esse folguedo conservou todos os seus traços originários. Começava a festa pelo toque de alvorada, dado por tiros de morteiros. Formava-se o desfile dos atiradores, em coluna por dois, que marchava pelas ruas ornamentadas com flores e folhas. Em primeiro lugar, os atiradores iam buscar os "reis" das festas anteriores e, em seguida, rumavam para a sede do clube, onde davam início às competições de tiro ao alvo e ao "pássaro". Um baile, em que moços e velhos voltejavam ao compasso de Rheinländer, Schottisch, Ländler e quadrilha suéca, encerrava a festa (54). Explica-se, aliás, com facilidade, que tenha sido a sociedade de atiradores a primeira forma de recreação revivida na Colônia, porque era de todos os traços da cultura recreativa germânica, aquela que as condições do meio colonial mais favoreciam. As demais formas associativas, como as sociedades de cantores, de ginástica e de representação teatral, só se organizaram muito posteriormente. Uma sociedade cultural, o "Kulturverein", que tinha por objetivo o desenvolvimento da lavoura e da pecuária colonial pelo intercâmbio de conhecimento e experiência adquiridas pelos colonos, também somente em 1863 pôde ser fundada pelo dr. Blumenau.

Até os noivados e casamentos dos colonos faziam-se, então, por uma maneira deveras sui-generis. Pelas listas de novos imigrantes, que a direção da Colônia recebia antes da chegada do navio em que eles viajavam, os homens solteiros

ficavam sabendo quantas moças solteiras ou viúvas estavam prestes a chegar. Separavam-se, então, entre os colonos solteiros ou viúvos, um número igual de pretendentes ao matrimônio. Procedia-se, em seguida, para cada nome de moça, o sorteio de um dos pretendentes. É claro que esse processo de escolha por sorte, não chegava jamais ao conhecimento das futuras companheiras dos colonos. Quando o navio ancorava em Itajaí, São Francisco ou Desterro, os pretendentes iam a bordo, a pretexto de comprar mantimentos. Nesta ocasião, em geral com o auxílio do comandante do navio, era fácil a cada colono identificar entre as recém-vindas, aquela que lhe fora sorteada. Começavam, então, os idílios e todos sem exceção, num gesto de galanteria interessada, procuravam demonstrar às companheiras que eram vítimas de uma verdadeira paixão à primeira vista (55). Às vezes, informa ainda o Velho Colono Blumenauense, acontecia que a um homem mais velho a sorte destinava uma mocinha, ou ao contrário, uma mulher mais idosa era sorteada para um adolescente, mas ninguém se rebelava. Efetuado o sorteio, não havia possibilidade de trocas. Caso, porém os pares não chegassem a um bom entendimento, o que só excepcionalmente ocorria, então ficavam ambos livres de adiarem seus projetos matrimoniais (56). Diante dos hábitos modernos, esse sistema atinge as raias do ridículo e do absurdo. Não se pode negar, porém, que ele foi um fator poderoso de harmonia entre os colonos, harmonia de que muito eles careciam para vencerem as dificuldades comuns da vida na selva.

CAPÍTULO V

O Desenvolvimento da Colônia Imperial (1860-1883)

Os colonos da margem direita do Itajaí-açu receberam com grande satisfação o ato do Governo do Império, datado de 13 de Janeiro de 1860, que elevou à categoria de Colônia Imperial o estabelecimento da colonização que Hermann Blumenau aqui fundara dez anos antes. É que todos logo compreenderam que esse ato administrativo importava em uma garantia de êxito e pleno desenvolvimento da nova Colônia. E, de fato, assim foi.

Durante vinte e três anos, a contar de 13 de Janeiro de 1860 até 10 de Janeiro de 1883, data oficial da instalação

do Município, a Colônia Blumenau, graças ao amparo direto do Império e ao trabalho profícuo e incessante de sua gente, pôde alicerçar o seu progresso e estendê-lo por todo o formoso Vale do Itajaí.

Entre os fatores que mais contribuíram para o desenvolvimento da Colônia Blumenau nesse período de sua história, devem citar-se: a permanência do dr. Hermann Blumenau na direção do estabelecimento; o generoso e franco auxílio do Governo do Império, sem o qual não teria sido possível o real progresso da emigração européia para Blumenau, e a fixação dos emigrantes na nossa terra; enfim, a capacidade de sacrifício, a dedicação ao trabalho e a perseverança dos colonos e seus descendentes.

A simples rememoração dos fatos principais ocorridos nesse período, melhor demonstrará o notável desenvolvimento da Colônia Blumenau, justificando o ato do Governo, que a adquiriu de seu fundador.

1860 - 1861

Ao ser nomeado Diretor da Colônia Imperial, o dr. Blumenau procurou cercar-se de auxiliares dignos e eficientes, escolhendo-os entre os colonos de maior capacidade intelectual e moral. Assim, conseguiu a estreita colaboração das seguintes pessoas: Hermann Wendeburg, guarda-livros da Colônia e substituto eventual do Diretor; Hans Breithaupt e Emil Odebrecht, agrimensores; Karl Wilhelm Friedenreich, primeiro Juiz de Paz do Distrito; Louis Sachtleben, o primeiro sub-delegado de polícia; Thedor Schroeder, fiscal, e Theodor Kleine, secretário. Além dessas pessoas que exerciam cargos especiais na administração da Colônia, devem citar-se, entre seus colaboradores mais destacados: Fernando Ostermann, que foi o primeiro professor público da Colônia; o dr. Bernhard Knoblauch, médico clínico na Colônia desde 1858; o pastor Rudolf Oswald Hesse, primeiro ministro evangélico; e, enfim, os irmãos Fritz e August Müller, que sempre se esforçaram pelo progresso do estabelecimento.

Mas, seria injustiça omitir nesta relação, além de muitos outros, os nomes bastante conhecidos daqueles que, mais tarde, prestaram relevantes serviços à Colônia em diversos setores de atividade, tais como: Padre José Maria Jacobs, primeiro vigário da Paróquia São Paulo de Blumenau; Victor von Gilsa, Apollonia von Buettner, ambos professores; Frederico

Deeke, o comandante de guardas de batedores do mato contra as correrias dos selvagens, e Heinrich Krohberger, competente construtor.

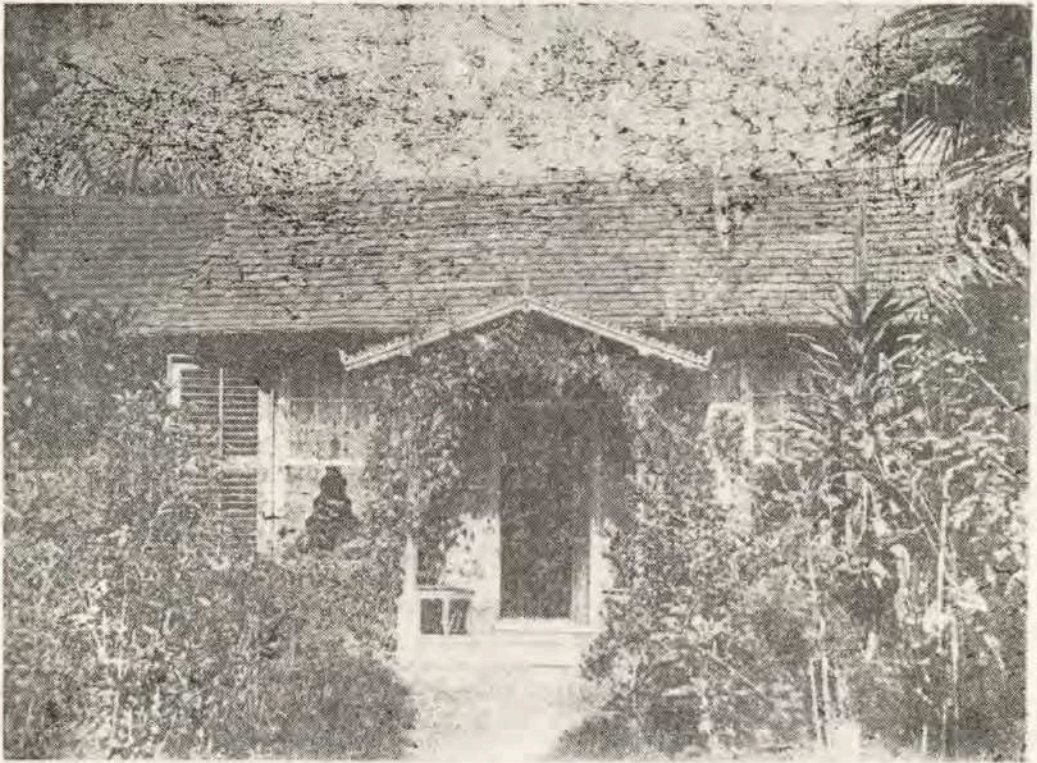
Com a verba de Rs. 12:912\$560, que o Governo Imperial destinou à Colônia no exercício de 1860, pôde o seu diretor organizar condignamente a administração e prosseguir com maiores facilidades os trabalhos de melhoramentos das vias de comunicações.

Competia ao Governo do Império baixar as instruções pelas quais se deveria reger a Colônia Imperial. Mas, somente em 10 de Dezembro desse ano chegaram essas instruções ao conhecimento do seu diretor, pelo aviso ministerial de 13 de Dezembro de 1860. Pelas referidas instruções, ficava o diretor investido de amplos poderes executivos, indispensáveis ao melhor aproveitamento do trabalho colonial. Mas, o item 13^o do artigo IX das mencionadas instruções, criava, com função consultiva sobre a aplicação das rendas da Colônia, um Conselho composto de cinco membros, maiores de 25 anos de idade, nomeados pelo Presidente da Província, por 2 anos, e que podiam ser reconduzidos enquanto bem servissem (57). Na Colônia Blumenau, porém, este dispositivo regulamentar não chegou a vigorar, talvez por causa da confiança que o dr. Hermann Blumenau inspirava a D. Pedro II. Certo é que, somente durante prolongada ausência do dr. Blumenau da Colônia, em 1867, foi criado pelo regulamento ministerial de 9 de Janeiro desse ano, um Conselho Colonial, composto de sete membros, que começou a funcionar, de fato, aos 5 de Novembro do mesmo ano (58).

Interessantes e dignas de registo são as citadas instruções governamentais no tocante às atribuições do diretor, estatuídas nos itens 8 e 9 do artigo segundo:

- 8^o — Proporcionar trabalhos aos colonos recém chegados, de modo que sem prejuízo da construção de sua casa e das primeiras plantações, possam obter meios de vida. Caso, porém, não hajam trabalhos públicos, nem particulares, o diretor abonará nos primeiros 6 meses a cada colono adulto a diária de 400 réis, aos de 10 a 5 anos a de 240 réis, e aos de 5 a 2 a de 160 réis, isto porém nos dias em que nenhum trabalho público ou particular possa ser dado ao colono. Nos segundos seis meses, e sobre as mesmass condições, poderá ter lugar o abono de 1/2 diária, se de absoluta necessidade for. Os que não quiserem se sujeitar ao trabalho a jornal ou a tarefa, havendo-o, não terão direito à diária.

9º — Adiantar, sendo ouvido o Conselho da Colônia, ao colono trabalhador e morigerado, e que precisar de animais e instrumentos agrícolas ou pequenas máquinas para aproveitar os seus produtos, quantia que não exceda a 300\$000, sob hipotéca de suas terras e benfeitorias. As quantias emprestadas nunca o serão por mais de 3 anos e o reembolso será feito em prestações. Os colonos que, vencido o prazo, deixarem de efetuar o pagamento, ficarão pagando no primeiro ano o juro de 8 %, no segundo de 12 %, no terceiro de 18 % e em cada um dos que ainda se seguirem 24 % e estarão sujeitos ao procedimento executivo para pagamento do capital. A soma total dos empréstimos jamais excederá a Rs. 6:000\$000 (59).”



CASA EM QUE RESIDIU O DR. HERMANN BLUMENAU ATÉ 1880
FICAVA NA RUA DAS PALMEIRAS (ALAMEDA DUQUE DE CAXIAS)
NOS FUNDOS DA CASA Nº 106 ATUAL

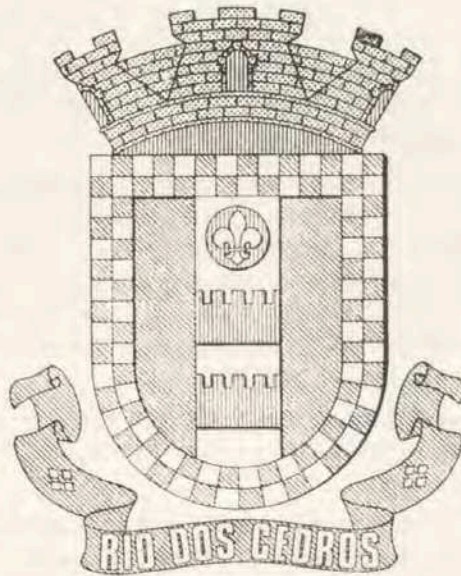
(Continua no próximo número)



As armas de Rio dos Cedros

Edison Mueller

A colonização do vale do nosso rio Itajaí Açu, como já tivemos ocasião de contar nestas páginas, efetuou-se durante cerca de vinte e cinco anos seguidos (1850 a 1875) quase que exclusivamente por imigrantes provenientes da Europa Central, sobretudo de origem teuta. A



partir de 1874, porém, em decorrência da execução do contrato celebrado entre o Governo Imperial brasileiro e Joaquim Caetano Pinto Júnior, começaram a vir para esta região os primeiros imigrantes aliciados pelos agentes daquele contratante na Itália e no Tirol austriaco.

Por esse tempo, e aguardando justamente a intensificação da imigração em decorrência daquele contrato, a direção da Colônia Blumenau acelerou a demarcação e divisão de lotes nas terras dos vales dos atuais rios Benedito e dos Cedros, que o Dr. Hermann Blumenau recebera do Governo Federal.

A primeira exploração desses dois afluentes do rio Itajaí havia sido feita em 1863, de canoa, por um grupo de desbravadores, oriundos de Blumenau, chefiados por Augusto Wunderwald. Devido à grande quantidade de cedros encontrada na confluência daqueles dois rios, local onde hoje se ergue a cidade de Timbó, Wunderwald deu a um deles o nome dessa árvore de preciosa madeira de lei, que ainda conserva.

O ano de 1875 assinala a chegada e a instalação em terras do atual município de Rio dos Cedros das levas sucessivas de imigrantes vindos do Tirol e da província italiana de Trento, então sob o domínio austriaco, que marcariam indelevelmente a vida e os costumes da região.

O primeiro grupo, formado por 20 famílias trentinas e aqui chegado em princípios de 1875, instalou-se na localidade hoje denominada Pomeranos Santo Antônio.

Logo depois, novo grupo de 25 famílias também de Trento estabelecia-se nas proximidades da anterior, no lugar chamado Encruzilhada ("Crosara"), atual Pomeranos Médio. Ali, em demonstração da sua profunda fé cristã, ergueram a primeira igreja a ser construída em Rio dos Cedros, dedicada à Nossa Senhora das Dores (Madonna Addolorata).

Em maio de 1875 novo e mais numeroso grupo de trentinos estabelecia-se na região, em Pomeranos Central. Pouco tempo após a sua chegada, construíram uma igreja de ripas de palmitos, dedicada a Santa Maria Madalena, substituída alguns anos mais tarde por Nossa Senhora do Caravaggio, cuja imagem foi adquirida na Áustria, graças à cooperação popular.

Também em 1875 instalou-se em Pomeranos Alto, em terras do atual município de Rio dos Cedros, uma quarta leva de imigrantes trentinos que, seguindo o exemplo dos seus predecessores na região, também ergueram uma pequena e rústica igreja à sua padroeira, Nossa Senhora da Assunção (Madonna dell'Assunta).

Ainda em 1875, novo grupo de imigrantes, saídos de lugares montanhosos do Tirol e de Trento, embrenharam-se mais profundamente que os seus compatriotas na floresta brasileira, à falta de colônias disponíveis, instalando-se definitivamente na região que corresponde atualmente à cidade de Rio dos Cedros. Seguindo as suas profundas convicções religiosas, também estes imigrantes não tardaram muito tempo em erguer uma capela a Nossa Senhora da Conceição.

Em 1913, como resultado de uma petição popular, era criada a primeira paróquia do município, o curato de Nossa Senhora da Conceição do Rio dos Cedros.

Em 1934, a povoação onde se localizava o curato foi elevada à condição de vila, sede do distrito de Encruzilhada, pertencente ao município de Timbó, então criado; e alguns anos mais tarde foi denominada Arrozeira.

Em 19 de dezembro de 1961, a Lei estadual nº 793 criava o Município de Rio dos Cedros, desmembrado de Timbó e instalado a 28 de dezembro daquele mesmo ano.

Vale assinalar ainda que, no triênio 1946/49, foi construída na região do Rio dos Cedros, em local de uma queda d'água de regulares proporções, a primeira de duas importantes represas que integram hoje, de forma destacada, o sistema energético catarinense. Situadas em terreno montanhoso, com paisagens impressionantes, as barragens do Pinhal e Rio Bonito, além de fornecerem energia elétrica através das usinas Palmeiras e Cedros, constituem assim locais de grande atração turística e conferiram características peculiares ao município.

Agricultores na sua grande maioria, os imigrantes trentinos dedicaram-se primordialmente às lides do campo, conquistando às florestas áreas para as suas culturas. Vêm procedendo de forma semelhante os seus descendentes.

Desde o início, como revela bem a sua antiga denominação de Arrozeira, a rizicultura é a mais importante atividade do município e, portanto, a sua principal fonte econômica. São dignas de menção também as culturas de milho, fumo e mandioca.

Importante é também a atividade de exploração florestal, como a extração e beneficiamento de madeiras, a produção de óleos vegetais e o reflorestamento.

São estes justamente os fatos históricos, geográficos e econômicos recordados, de acordo com a legítima tradição heráldica, nas armas de Rio dos Cedros, da nossa autoria, cuja instituição ocorreu no ano passado, em ato prévio aos festejos alusivos ao seu centenário de fundação.

As armas rio-cedrenses, cuja ilustração encima este artigo, tem o seguinte brasonamento :

“De sinople uma pala de prata carregada de duas faixas ameaçadas de três peças e duas meias-peças de goles acompanhadas em chefe de uma arruela do mesmo sobrecarregada de uma flor-de-lis do segundo esmalte; bordadura enxadrezada de duas fileiras de prata e de sinople.

(Em francês, o idioma heráldico, é assim :

De sinople, au pal d'argent chargé de deux fasces crénelées de trois pièces et deux demi-pièces de gueules accompagnées en chef d'un tourteau du même surchargé d'une fleur-de-lis du second émail; à la bordure échiquèée de deux tires d'argent et de sinople.)

Coroa mural de ouro forrada de goles com quatro torres abertas do segundo esmalte.

Dístico : “RIO DOS CEDROS”, de prata em listel de sinople.”

Como afirmamos ao descrever, nos artigos precedentes, as armas de Ascurra, Balneário Camboriú, Indaial e Rodeio, a Heráldica é sobretudo uma arte de símbolos; logo, os emblemas heráldicos não devem ser representações fotográficas das figuras que representam. Nem os objetos de uso quotidiano, nem os animais nem as plantas que aparecem nos brasões, por conseguinte, são os mesmos que se encontram na natureza.

À solução simplista, anacrônica e arcaica de se colocar no campo do escudo uma represa ou um rio ao natural, ou uma efigie religiosa, ou ainda uma ou mais representações ao natural de determinadas plantas (especialmente de arroz), para assinalar as riquezas econômicas ou fatos históricos particulares do município de Rio dos Cedros, ditada embora pelos justos motivos que mencionamos antes, optou-se por uma alegoria que está em consonância com o verdadeiro espírito heráldico.

A *pala*, que se assemelha a uma fita colocada em posição perpendicular no centro do escudo, representa, pela sua própria forma e pelo seu esmalte (a prata), a bacia fluvial do município, onde se destaca o Rio dos Cedros, a fluir na direção norte-sul, através de uma região fertilíssima (o campo verde), até desembocar, com o rio Benedito, no Itajaí Açu. Essa “peça” heráldica simboliza portanto a inegável importância do rio na vida comunitária, presença tão notável que seu nome foi transmitido à própria região que banha e fertiliza.

As duas *faixas ameaçadas*, semelhantes aos muros dos castelos medievais, representam, em inovação simbólica e através de alegoria criada com estrita observância do verdadeiro espírito heráldico, as barragens do Pinhal e Rio Bonito que, a par da sua importância econômica, deram características peculiares ao município.

Destaca-se de modo especial no brasão uma *flor-de-lis*, cuja forma graciosa todos conhecem. Parece-nos oportuno, todavia, tecer aqui considerações mais amplas sobre essa figura heráldica.

Sempre existiu muita controvérsia a respeito da origem da *flor-de-lis*, havendo inclusive, sobretudo na França, autores que derivam-na da lança ("javelot") dos antigos gauleses. A única conclusão admissível parece ser contudo que, a exemplo de outras formas adotadas como "peças" heráldicas à época das Cruzadas, também a *flor-de-lis* tem uma origem sarracena. Não há dúvida, porém, que em pouco tempo ela passou a ser identificada, na Europa, como uma flor e, mais precisamente, como uma representação estilizada e convencional de um lírio.

Desde tempos remotos é preeminentemente a insignia real da França. Consta que após o rei Clóvis haver escolhido uma *flor-de-lis* como emblema da sua purificação através do batismo, o rei Luís VII, o Jovem, adotou-a também como uma "divisa", insignia pessoal e real, em alusão ao seu nome latino, Ludovicus Florus, segundo a versão mais divulgada. O escudo desse rei era semeado de flores-de-lis e autores antigos afirmam que ele usou-as já em 1147, quando partiu, com os grandes do seu reino e na qualidade de um dos chefes da Segunda Cruzada, para a Terra Santa.

A quantidade de flores-de-lis do escudo real, variável durante muito tempo, no início do século XIII foi reduzida a três, da seguinte forma: "em campo azul três flores-de-lis de ouro". Essas armas, por vários séculos, foram daí em diante usadas pelos reis da França. A *flor-de-lis* aparece por isso, em muitos brasões, como símbolo de nobreza e soberania.

As flores-de-lis assumiram formas diversas em diferentes épocas, conservando sempre no entanto as suas características principais; uma folha central ereta ladeada por duas folhas curvas, reunidas por um anelete horizontal, que deixa visível as pontas inferiores, os "pés", das três folhas.

A *flor-de-lis* pode ser de qualquer um dos esmaltes heráldicos.

Na Itália, onde é conhecida por "giglio", o uso da *flor-de-lis* se difundiu muito rapidamente e são numerosas as famílias que ostentam esse emblema nos seus brasões. Aliás, um tipo especial de *flor-de-lis*, "il giglio de Firenze", vermelho e em campo de prata, há vários séculos é também a insignia da cidade de Florença.

O lírio é um símbolo da pureza e tornou-se a flor da Virgem. Originalmente, no simbolismo cristão, o lírio foi usado por isso como atributo das santas virgens e, mais tarde, como um símbolo da castidade e, assim, um atributo de vários santos. À *flor-de-lis*, considerada popularmente uma variedade de lírio, atribui-se o mesmo simbolismo.

Mesmo assim, na Arte Heráldica é feita nitida distinção entre a *flor-de-lis* e o lírio, que é representado exatamente pela flor deste nome. Por isso, quando existe um lírio no brasão, costuma-se denominá-lo, na descrição heráldica, "lírio ao natural" ou mais comumente "lírio de jardim".

Vale lembrar finalmente que, como atributo de realeza, a *flor-de-lis* aparece em coroas e cetros de santos de origem real; e é assim um símbolo da Virgem Maria como Rainha Celestial.

A *flor-de-lis prateada* recorda, por conseguinte, a religião tradicional dos imigrantes trentinos que povoaram Rio dos Cedros, aludindo a um fato histórico particular: a construção das pequeninas capelas dedicadas à Nossa Senhora, que muitas vezes serviram de escolas e pontilharam as linhas coloniais, em redor das quais surgiram sucessivamente as laboriosas comunidades que, independentemente de credo religioso, forjam a grandeza do município. Lembra também, desse modo e pela sua posição sobranceira, o próprio orago de Rio dos Cedros, como a guiar e proteger a todos os municípes, Nossa Senhora da Conceição, sob cuja invocação foi criado, ainda neste século, em 1913, o primeiro curato.

Os *quadrículos* de esmaltes alternados, de *prata* e de *verde*, que compõem a bordadura do escudo, simbolizam, qual um mosaico carinhosamente construído e a exemplo do que sucede nas armas de Rodeio, as riquezas do município de Rio dos Cedros, que se concentram nas suas atividades agrícolas: as várias culturas que, ao longo dos anos, contribuíram e contribuem para a sua grandeza e o seu constante progresso. Pela sua forma, lembram especialmente os "quadros" das numerosas culturas de arroz, cuja importância na vida local sempre foi tão notável que Arrozeira chegou a ser a denominação de toda a região.

Finalmente, os esmaltes do brasão recordam também, de modo iniludível, a origem dos principais povoadores de Rio dos Cedros. Constituem igualmente, como ocorre nas armas rodeienses, as mesmas cores que, segundo a tradição, foram usadas por Napoleão na bandeira que desenhou para a sua legião italiana; cores essas que foram mantidas por Vitor Manuel II na bandeira adotada pela Itália em 1861, quando esta tornou-se independente, e que iluminam ainda hoje a bandeira tricolor desse país — o verde, o branco e o vermelho.

A coroa mural dourada e forrada de vermelho que encima o brasão é o emblema privativo e consagrado, no Brasil, de sede municipal e de autonomia administrativa. Constitui a representação da própria cidade, que se considera ainda, a exemplo das cidades medievais, envolvida pelos seus muros protetores. As suas quatro torres estão apresentadas logicamente de conformidade com a perspectiva, isto é, vê-se uma no centro e meia de cada lado, estando encoberta a quarta torre.

Como identificação popular e final das armas, a fita verde sob o brasão contém apenas, em letras prateadas, o próprio nome do município.

O emblema distintivo ora descrito simboliza de modo eloqüente, em sua singela composição, o município de Rio dos Cedros — e de acordo com a melhor tradição heráldica, porque a simplicidade das armas é o principal elemento da sua maior distinção e da sua maior nobreza.

Movimento do Museu da Família Colonial, durante o mês de março de 1976

500 ingressos vendidos

4 excursões com 77 participantes

17 Lobinhos do Grupo de Escoteiros Leão de Blumenau tendo como chefe responsável a Sra. Elfride Gabel.

Jardim de Infância do Bairro da Velha com 34 crianças.

Figuras do Passado

JOSÉ E. FINARDI

"Não é a grandeza ou pequenez da tarefa
"o que torna vulgar ou nobre a vida de
"alguém, mas a dedicação com que executa
"essa tarefa" (Carlyle)

ELIA BARBETTA

Natural de Cremona, Itália, onde nasceu a 4 de janeiro de 1850, era filho de Glácimo Barbetta e Giovanna Foschini. Casado com Lúcia Vignani, filha de Giovanni e Madalena Vignani, emigrara com sua única filha Virgínia, com dois meses de idade, chegando à "Colônia S. Raulo", em Acurra, nos primeiros meses de 1876, radicando-se no lote N° 4, da linha colonial Ribeirão São Paulo, o qual continha a área de 250.000 ms², e pelo qual pagou à Direção da Colônia Blumenau, a quantia de Rs. 250\$000 — recebendo o seu título de propriedade em data de 15 de novembro de 1876.

O casal teve, além de Virgínia, que casou com Matin Matteucci, os seguintes filhos, todos nascidos em Acurra: Giacomina Barbetta, nascida em 30 de março de 1878, casou com Francesco Testoni; Francesca Barbetta, nascida em 1879, casou com Francesco Viviani; Antonio Barbetta, nascido em 10 de março de 1881, casou com Joanna Gandin; Rosa Barbetta, nascida em 1883, casou com Secundo Vagliatti; Generosa Barbetta, nascida em 29 de janeiro de 1886, casou com Francesco Pacher e Marcello Barbetta, nascido em 11 de julho de 1887, casou com Anna Curt.

Ao chegar a Acurra, Elia Barbetta contava 26 anos de idade.

Católico fervoroso, frequentando assiduamente a missa dominical, adquirira excelente educação religiosa nas homilias e no ensino do catecismo junto ao Santuário de Caravaggio, em Cremona.

Decidindo emigrar, fê-lo depois de consultar seu grande amigo e conselheiro espiritual D. Geremia Bonomelli, Bispo Diocesano de Cremona, o qual, ao dar-lhe a bênção de despedida, fez-lhe veemente exortação recomendando-lhe que, ao chegar nas selvas brasileiras, onde por certo não haveria padres, lesse aos domingos, o Evangelho, rezasse o terço e as ladainhas, ensinasse o catecismo às crianças, promovesse, enfim, o espírito religioso entre os imigrantes.

Elia Barbetta cumpriu à risca os conselhos do piedoso Bispo de Cremona: ao chegar a Acurra, tratou logo de reunir seus companheiros de imigração, estabelecidos às margens do Ribeirão São Paulo, erguendo tosca capelinha de palmitos, no lote urbano para tal fim reservado na sede da povoação demarcada e que foi consagrada a Santo Ambrósio.

Escolhido como capelão, Elia Barbetta durante longos anos, quase 40, foi, líder religioso de Acurra, tomando parte saliente em todos os episódios lamentáveis decorrentes da questão surgida entre a população ascurrense e os Padres Franciscanos, de Rodeio.

Foi um auxiliar muito valioso do primeiro vigário de Blumenau, então com jurisdição em Acurra, Pe. José Maria Jacobs, a quem muito ajudou em suas visitas apostólicas a Acurra, onde, como capelão, preparava as crianças para a primeira comunhão.

Tendo trabalhado para uma Farmácia em Cremona, adquirira bons e úteis conhecimentos de medicina, que prestativamente os aplicava com muito critério, sendo, pois, considerado como o médico da comunidade incipiente.

Homem profundamente religioso e não menos fanático por sua paróquia, sofria terrivelmente a cada interdição que era submetida pelos Padres Franciscanos e, segundo se comentou na época, teria sido decorrente desses episódios que numa manhã de julho de 1915, estando em plena sacristia da Capela, sofreu mortal insulto cardíaco, pondo fim a cerca de 15 anos de lutas e dissabores mantidos contra os adversários de sua paróquia, que tanto amava e pela qual tanto lutara.

A morte súbita do seu líder religioso consternou sobremodo a população ascurrense que, acorreu em grande número, ao seu sepultamento, no cemitério local.

Subsídios à Crônica da Colônia de Blumenau

Frederico Kilian

De um DIÁRIO de AUGUSTO MÜLLER, irmão do sábio, Dr. Fritz Müller, extraímos os seguintes apontamentos, por julgá-los de algum interesse principalmente aos que se dedicam às pesquisas sobre fatos ocorridos nas primeiras décadas da Colônia de Blumenau.

x x x x x

1877, 25 de Julho: Fortes trovoadas, a noite inteira, relâmpagos, trovões e chuvas torrenciais, até à noitinha do dia 26.

29 e 30 de julho: Continuam fortes chuvas com trovoadas, que continuavam até 2 de agosto, inclusive. Enchente—O engenheiro Corcoroca, genro do sr. Wendeburg morreu afogado na noite de 31 de julho, quando pretendia, vindo de cima, passar a cavalo pelas águas nas proximidades de Hermann Ruediger. Dia 8 de agosto, novas trovoadas e chuvas, de forma que a ponte do Garcia estava novamente debaixo d'água. (Nota do tradutor— Trata-se da ponte antiga, de madeira, que ficava em nível inferior à atual).

28 de agosto: Jubileu de prata (25 anos) da Colônia de Blumenau: De manhã; Toque de alvorada por uma bandinha; congratulações do Juiz de Paz e Sub-delegado; uma delegação do Kulturverein entrega um memorial, no qual é ressaltado o desenvolvimento da colônia e um album, com fotografias (vista total do centro colonial (Stadt-platz), edifícios públicos, Casa do Dr. Blumenau). À tarde: Desfile das sociedades pelo centro da cidade. Fotografias, Canções, Banquete. À noite bailes e teatro.

Irmão Fritz voltou de Dona Francisca e estava aborrecido por causa do tempo chuvoso.

8 de setembro: Alguns colonos se negaram a pagar os emolumentos para o registro das crianças—Prisão e Processo, mais de 100 mil réis de despesas. Dia 10 de setembro cerca de 40 Pomeranos do Rio do Testo chegaram devido este assunto; foram apaziguados por L. Sachtleben, — dia seguinte cerca de 60 colonos do Alto Rio do Testo vieram por causa de questões de caminho — 6 dias de trabalho por ano a realizar no caminho — novamente acalmados.

23 de setembro de 1877: Inauguração da Igreja Evangélica. — tempo horrível; rio bem alto.

26 de setembro: No Rio Morto um brasileiro, Marcelino, de 22 anos assassinou sua mulher de 20 anos, por ciúmes, com um tiro atrás da orelha — foi preso pela polícia.

14 de dezembro: Bugres assaltaram a casa de Zotz, em Encano.

31 de dezembro: Apresentação da peça "Preciosa" no teatro (esposa e filha Luiza de Aug. Müller foram a cavalo de Salto Weissbach onde moravam, à sede para assistirem à apresentação).

1878 — 24 de fevereiro: Os bugres assaltaram o distrito dos italianos e mataram um homem, uma mulher e uma moça.

1878 — 14 de junho: O Presidente da Província visita a Colônia — fala alemão — Apresentação de "Preciosa" no Teatro.

12 de outubro: Vento terral muito forte. Em alguns locais frios, geada.

Em setembro (1878) nevou no Salto Pilão.

17 de outubro: Fui buscar uma máquina de cortar rações na Garcia.

O preço de fábrica da máquina importou em	Rs. 62\$400
Frete e despesas	« 69\$400
	Rs. 131\$800

1878 — 3 de novembro: Assembléia dos acionistas da Companhia de Navegação a Vapor. Roloff encarrega-se de fornecer, por 20 contos de réis, um vapor de estrutura de ferro até Itajaí e de pô-lo em movimento.

1879 — 23 de março: Um terreno na sede, em frente à farmácia, foi arrematado, em hasta pública pelo Sr. Grewsmuehl, pelo preço de Rs. 1:655\$000.

28 de setembro: Um tigre atacou um italiano em seu rancho; a caminho para Garcia o colono morreu.

13 de novembro: Numa picada nova, na Itoupava um tigre atacou um inglês que dormia em sua casa de palmitos, através da parede de palmitos e procurando arrancá-lo para fora, que o colono morreu no dia seguinte em consequência dos ferimentos recebidos. Depois o tigre matou um cavalo e carregou-o cc. de 50 braças até uma cerca onde o largou. Ferido por um tiro de arma de disparo automático, o tigre foi perseguido por caçadores e cães e morto. Sem a cauda, ele mediu 13 1/2 palmos (3 metros).

13 de dezembro: Um filho do Sr. Schroeder entra em briga com um italiano e o apunhala.

1880 — 23 de janeiro—Um tigre mata e leva um porco do colono Withoeft. Reinhold Kaestner e Hins Withoeft vão a seu encalço no mato, com cães. O tigre mata ambos os cães; o porco foi encontrado no Morro dos Coqueiros e armaram uma espingarda de disparo automático. Dia seguinte Wilh. Weise, A. Bradatz e Robert Hinsching foram averiguar. Robert Hinsching sofre a perda de seu cachorro e a espingarda falha novamente. Cristiano Spernau arma então 4 espingardas. O tigre não apareceu mais.

27, 28 e 29 de janeiro; Fortes trovoadas com chuvas. A lagoa está cheia. A Colônia está prestes a ser emancipada.

Meados de fevereiro: O tigre busca porcos e galinhas de vários lugares em Baixo Encano; também no Paupitz cerca de 20 galinhas de cima de algumas árvores de laranjas. São armadas espingardas e armadilhas. O tigre é ferido por um tiro automático e perde muito sangue, mas não foi encontrado. — Roubos de galinhas no R. Roedel e M. Mark.

1880 — Relato sobre a enchente. (Ocorrências em Salto Weissbach e Blumenau).

Depois de ter chovido constantemente nos dias 20 e 21 de setembro, a chuva intensificou-se no dia 22 de setembro, de forma que foi necessário abrir uma comporta do dique da represa do moinho (no lote de Augusto Müller, em Salto Weissbach — Nota do Tradutor). À tarde choveu mais forte. Pelas 9 1/2 horas da noite abriu a segunda comporta. Às 11 1/2, o Sr. Weise pediu socorro, para ajudar a levantar o seu açúcar, visto que a água já penetrava na varanda. Quando eu fui então ao moinho, a água já transbordava pelo dique e já havia atingido os caixões de farinha dentro do moinho. Nós colocamos os barrís de fubá e o milho em posição mais alta e recolhemos as ferramentas. Chovia à cântaros e as águas subiam tão de pressa que fomos obrigados de retirar as galinhas e porcos dos estábulos e galinheiro. Pelas 3 horas a água baixou um pouco, já que o vão debaixo da ponte dava vasão, mas pela manhã subiu novamente.

23 de setembro: As águas atingiram a estrebaria das vacas e as colmeias das abelhas, debaixo das laranjeiras ficaram na água. Nós buscamos as mesmas, transportando-as numa porta velha, na qual havíamos amarrado um cipó. Depois do lanche fomos buscar Cana ubá do terreno da escola, tendo que passar pela água até acima dos joelhos, estando as águas já até ao portão do nosso jardim. — Johannes (filho de Aug. M.) está ajudando a Lange a elevar o sal, pois as águas já atingiram a soleira da porta. Quase que ininterruptos aguaceiros. Pelo meio dia as águas param de subir e baixam lentamente — novos aguaceiros e as águas retornam a subir.

24 de setembro: As águas baixam lentamente, porém continua a chover quasi sem cessar. À tarde levamos o gado outra vez ao pasto. As águas baixam muito devagar. Aos poucos chegam notícias sobre o nível das águas e os estragos na sede (Stadtplatz).

25 de setembro: H. Lange e Alberto Stutzer enfrentam os obstáculos para chegarem à sede. A totalidade da sede está debaixo d'água que atinge o balcão (sacada) da Casa da direção (atual prédio da Prefeitura). Os moradores da cidade se refugiaram, com auxílio do vapor, nas igrejas católica e evangélica. As casas de Carl Ruediger e Ludwig Weise tombaram. As de Grewsmuehl e Rabe, como as de Asseburg, ameaçam ruir. Do Peneder e sapateiro Grasser várias cabeças de gado, cavalos e porcos morreram afogados. Todas as casas, com exceção das de Alfredo Beims, Hosang e Baucke também de Grassmann estão debaixo d'água. A olaria de Bugmann está demolida. — Limpeza do moinho.

26 de setembro: Visita a Lange: Notícias do Rio do Testo: O moinho de Fritz Karsten foi levado pelas águas; os animais do capataz Hoffmann (cca. 11 a 12 cabeças) morreram afogados; 18 pessoas morreram afogadas, entre elas o jovem da família Grützfeld, composta de 6 pessoas, no Vale do Selke, soterrados dentro de casa, por desabamento de terra.

26 de setembro: Seeliger teve que se refugiar para o morro. A casa de Waldow foi levantada e deslocada; a serraria de Roweller foi levada pelas águas, com todas as tábuas; da mesma forma a de Friedr.

Koegler. Franz Klein perdeu todos os seus animais e mal pôde salvar sua vida. Johannes, Johann e Carl KriECK quizeram ir até à sede mas conseguiram somente chegar até Hermann Ruediger, cuja casa está repleta de refugiados. Estes H. Ruediger conseguiu salvar com o auxílio de uma balsa feita às pressas de tábuas.

27 de setembro; Limpeza do moinho e instalações. Reabertura das aulas com 6 alunos (Nota do trad. — Augusto Müller exerceu o cargo de professor em Salto Weissbach durante mais de 25 anos) — Johann e Gustav (filhos de Aug. M.) ajudam a reparar o caminho para o Salto, da mesma forma os colonos dos Fundos — Gust. KriECK e Jahn. Essig — Schulze (o vinagreiro) cai da bateira e é levado pelas águas até Badenfurt, onde foi salvo. — Notícias de cima: As pontes sobre os ribeirões Warnow, Ilse, etc., foram todas arrastadas. No morro da Subida o caminho desbarrancou até às pedras nuas.

17 de outubro; Johann Hennings e Luise (genro e filha de Aug: M.) festejam seu casamento.

11 de novembro; Hermann (filho de Aug.M.) parte para a Província de São Paulo.

1881. 13 de janeiro: Hermann Wendeburg falece inesperadamente de ataque cardíaco. Solene enterro.

1883. Falência de Meyer & Spierling. Sessão do Juri na Câmara Municipal. O "Immigrant". — Festa de aniversário da fundação do "Liederkrantz".

1894. 24 de março: Minha cunhada (esposa do Dr. Fritz Müller) falece após 4 meses de acamada de um mal intestinal no dia de seu 68º aniversário.

25 de março (Domingo de Páscoa) Enterro de minha cunhada.

1897. 21 de maio: Às 3 horas da tarde falece meu irmão Fritz.

22 de maio: Às 4 horas da tarde, enterro; Paulo Schwarzer discursou ao túmulo.

x x x x x x x

Aqui terminou o caderninho, no qual se achavam estes apontamentos e outros meramentos de interesse pessoal ou familiar.

Colaboração de FREDERICO KILIAN, neto, por afinidade, de Augusto Müller.

Blumenau em Cadernos na Assembléia Legislativa

Em requerimento dirigido à mesa da Assembléia Legislativa do Estado, o Deputado Aldo Pereira de Andrade, pediu a transcrição nos Anais do artigo publicado em BLUMENAU EM CADERNOS e de autoria do Professor A. Seixas Netto, com referência à GEOMETEOROLOGIA ATMOSFÉRICA.

O QUE DIZEM DE NÓS

"BLUMENAU EM CADERNOS" Em Vitória — Espírito Santo

O Jornalista Christiano Ferreira Fraga, do Jornal "A GAZETA" de Vitória, Espírito Santo, publicou em 13 de Fevereiro do ano em curso o seguinte artigo sobre "Blumenau em Cadernos":

Blumenau em Cadernos

Christiano Ferreira Fraga

"Segundo informa a enciclopédia, Hermann Bruno Otto Blumenau (1819-1899), doutorado em Química pela Faculdade de Filosofia de Erlangen, foi o colonizador e fundador do município catarinense, que tomaria o seu nome. Esteve em Santa Catarina de 1850 a 1884, quando regressou à Alemanha, de lá mantendo entretanto assídua correspondência com a colônia que organizara. Publicou dois livros valiosos para historiadores e para imigrantes: "Emigração e colonização alemã" (1846) e "O sul do Brasil em relação à emigração e colonização alemã" (1850).

Blumenau é hoje uma cidade próspera, com cerca de 100 mil habitantes, e pelo censo de 1970, contando 53 estabelecimentos de ensino primário, 7 de ensino médio, 1 de ensino superior e 4 radioemissoras. Agropecuária desenvolvida, indústria têxtil e de produtos alimentícios e a usina hidrelétrica de Salto.

A Fundação Cultural "Casa Dr. Blumenau", além de outras instituições, mantém a revista mensal ilustrada **BLUMENAU EM CADERNOS**, destinada ao estudo e divulgação da história de Santa Catarina, e de que recebemos o número de janeiro último, com 40 páginas, entre cujos trabalhos publicados encontramos:

a) Um desafortunado escrivão — sobre um caso envenenado pela burocracia colonial do século XVIII, num resumo de oito páginas, mais impressionante do que o romance de Kafka "O processo", e revivendo um episódio real plenamente exatificado.

b) As páginas da notícia do "Encerramento do Primeiro Congresso de História do Vale do Itajaí". Encerrado a 13 de dezembro de 1975, o certame reuniu 170 congressistas, vindos de vários pontos de Santa Catarina e do Brasil, sendo que 22 eram especialistas em História, 11 conferencistas de renome nacional e internacional. Foram apresentados 3 temas relativos à imigração italiana. 3 conferências sobre colonização alemã, 2 conferências sobre arqueologia, 2 conferências sobre colonização e povoamento em geral e uma conferência sobre valores do vale do Itajaí.

Tiveram real importância as proposições e moções do Congresso. É com efeito admirável tal entusiasmo pela disquisição histórica e historiográfica, e concentrada sobre uma zona do Estado, realçando substancialmente a importância dos estudos históricos, hoje tão subestimados até pela reforma do ensino.

c) Na secção "Figuras do passado" o artigo ilustrado "Giuseppe Finardi", homenageando a memória desse imigrante italiano, que com a sua mulher Maria Musa, foram dos mais prestimosos pioneiros da colonização italiana de Santa Catarina.

d) A politicagem e o Contestado — narrativa de algumas passagens sangrentas no município de Curitibanos, relacionadas com as campanhas do Contestado. Embora lhe faltem no final datas esclarecedoras, é louvável o esforço de pesquisa para arrancar do olvido fatos consideráveis da crônica política, econômica e social do município.

e) Aspectos da economia catarinense nos séculos XVIII e XIX — A segunda parte desse estudo considerando vários produtos exportados, metalúrgicos, tecidos, erva-mate, manteiga, farinha de mandioca, em breve resumo. E 8 páginas de análise do comércio madeireiro de importação e exportação, em seus altos e baixos, aproximadamente de 1905 a 1947.

Referindo-se a tempos anteriores a 1905: "Nestes anos a exploração madeireira foi intensiva na região litorânea, sem que houvesse nenhuma preocupação de reflorestamento ou controle da produção". Observações semelhantes prosseguem a intervalos, quanto às infrenes derrubadas, apesar das medidas oficiais de repressão. "A devastação continuou destruidora".

Em diversos períodos ocorriam crises do comércio madeireiro, devidas "à superprodução caracterizada pela devastação indiscriminada" ou a carência de transporte, do que resultava a acumulação de pilhas e pilhas de madeiras à margem dos trilhos da São Paulo-Rio Grande, e que ficavam apodrecendo e se desvalorizando (p. 30).

Essa carência de transporte até hoje tem sido de uma cronicidade renitente. No "Informe JB" de 9-2-76, lemos que se encontra "no Nordeste, esperando transporte para ser vendida ao exterior, uma pirâmide branca de 400 mil toneladas de açúcar".

f) E por fim "A estância das araucárias", uma historicidade romanceada de fatos, usos e costumes, bem como da extração, preparo e comércio da erva-mate, em tempos agitados pela jagunçada — quando Canoinhas ainda não tivera foros de cidade.

A revista BLUMENAU EM CADERNOS é um atestado da valorização da cultura entre o público blumenauense e também um grande exemplo para as demais cidades brasileiras."

Somos gratos pela gentileza.



Camboriú Significa Criadouro de Robalo

por Pe. Raulino Reitz

Li em certo folheto com dados referentes ao nosso famoso Balneário de Camboriú que seu nome poderia originar-se de uma estória contada por um caboclo que teria dito que ele morava lá onde “camba o rio”, de cuja expressão mal articulada teria se originado o topônimo Camboriú. No entanto mapas bem antigos assinalam o nome Rio Camboriú antes de haver qualquer povoamento de origem européia na área.

O topônimo Camboriú é de origem tupi, formado pela aglutinação de duas palavras cambori-u. O primeiro componente cambori, também pronunciado camori, camuri ou camurim significa robalo, peixe da família dos Centropomídeos, do gênero *Centropomus*. O segundo componente -u- é um sufixo que no caso significa criadouro, comedouro, habitat. Cambori-u significa “o robalo come”, “onde há robalo”, “comedouro de robalo”, “criadouro de robalo”. Da mesma forma Siriú (siri-u), nome de uma lagoa perto de Garopaba, SC, significa “lugar onde o siri se cria” e Tambaú (tambá-ostra, mexilhão), “onde há ostras”.

O robalo é um peixe do mar que procura os rios costeiros subindo-os em busca de remansos ou lagoas. Nos meses de inverno (maio a julho) aí procria, sendo notável a presença de filhotes de robalo nas águas tranquilas de lagoas em comunicação com o mar ou de poços de rios não muito distantes do mar, mesmo de água doce.

Por informação de pescadores da região de Camboriú soube que ainda hoje o Rio Camboriú é rico em robalos, cuja carne é de primeiríssima qualidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda — Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, 1975.
- IHERING, Rodolpho von — Dicionário dos Animais do Brasil. São Paulo, 1968.
- PAWELS, Pe. Geraldo José — Pequeno vocabulário da língua tupy para compreensão de alguns nomes geográficos do Brasil. S. Paulo.

ESTANTE CATARINENSE

por Carlos Braga Mueller

O GUARDA ROUPA ALEMÃO, de Lausimar Laus
Editora Pallas, em convênio com o INL/MEC — 1975

Editada no Rio, em convênio da Pallas com o Instituto Nacional do Livro, a presente obra está sendo apreciada nesta seção por dois motivos: primeiro, a autora é catarinense. Segundo, a ação se desenrola em Blumenau, começando nos tempos da colônia, seguindo até a época em que o nazismo tomou conta da Alemanha, com profundos reflexos no Brasil.

Confesso que custei muito a encontrar o livro nas livrarias de Blumenau. Estranhei. Afinal, uma escritora de Santa Catarina e uma história passada em Blumenau, são motivos mais que suficientes para um livro ter boa divulgação no Estado, especialmente em nossa região. Mas ninguém conhecia o "Guarda Roupa Alemão". Vi apenas duas referências na crônica especializada; Norton Azambuja e Nereu Corrêa (Caderno de Sábado, Correio do Povo, PA). Depois de muita procura, e por indicação de um amigo, engajado na procura, encontrei um exemplar numa banca de jornais.

Dos tempos em que eu era leitor de "Vida Juvenil", lembro-me de um trabalho muito interessante, que era publicado em série: "Brincando no Olimpo". A autora era Lausimar Laus. E de maneira inteligente ela incursionava no mundo irreal dos deuses da mitologia grega, através de várias crianças que viajavam no tempo. Lausimar viveu alguns anos em Blumenau. E dessa convivência pôde aproveitar os elementos necessários para dar um sabor real aos cenários e personagens que descreve no seu "Guarda Roupa Alemão".

Trata-se da história de uma família alemã, que vem para o Brasil e se estabelece na Colônia Blumenau. Toda a saga destas pessoas e de seus descendentes está no livro; gente nascendo, gente morrendo, as gerações se sucedendo.

E assistindo a tudo — impassível — o velho "Kleid", ou seja o velho guarda-roupa trazido da Alemanha e patrimônio da família. Lausimar descreve com muita sutileza o envolvimento de um alemão com uma índia, o casamento dos dois e a reação negativa dos familiares dele. A ingenuidade de Sacramento, a indígena, alheia aos segredos do sexo, casando menina e guardada pelo marido para conhecer o amor somente após tornar-se mulher, é um dos pontos mais emotivos da narrativa. A maneira de Klaus explicar o Sacramento a transformação de uma adolescente em mulher, é digna de ser mencionada. O escândalo e o inconformismo causado por um romance entre uma jovem loura e um negro é outra situação bem explorada pela romancista.

Blumenau está sempre presente. O Rio Itajaí Açu, a cidade no começo do século, os costumes germânicos, estão retratados a cada página, em cada lance.

O final da história é de causar impacto.

Não se pode negar que Lausimar Laus é uma boa escritora. Esse atributo, aliado à boa concatenação da trama, tornam o trabalho bastante interessante e fácil de ser lido.

Achamos que a escritora excedeu-se um pouco no emprego de palavras alemãs, que ela enfeixou no final do livro, num "glossário". Para quem não está habituado ao idioma alemão, o mais indicado é familiarizar-se antes com o glossário.

Porém, o mais difícil vai ser encontrar o livro. A não ser que a Editora Pallas tenha resolvido suprir bem o mercado.

Leitura recomendada.

A Estância das Araucárias

Evaldo Trierweiler

(Continuação do número anterior)

A miséria desapareceu por alguns dias. O charque ficou pendurado num varal adrede preparado. Fortalecido por um alimento sadio aproveitou para derrubar o pinheiro. Este forneceu rachões e um tarumã forneceu moirões. Os dias passavam lentos. Em cada dia se contavam novos êxitos. Nestor Costa planejava tudo de acordo com o parecer de Neco Batista. Este o acompanhava na caça, que era repartida na base da amizade. As peles de animais vendidas davam dinheiro a repartir. No primeiro mês conseguiu construir a mangueira e prender algumas reses. Essas já não fugiam com a aproximação deles por causa do sal. Zeca Peixoto, caboclo sacudido, vindo das bandas de Lages, à força de enxó e machado levou a bom termo um cocho para o gado ter sal na mangueira.

A princípio como não podia deixar de ser, o gado receava os homens e mesmo o cocho. Capim fresco colocado no cocho com sal teve o condão de atraí-lo. Nestor com uma paciência imensa ia soltando as reses. Algumas voltavam com outras. Fugiam, no entanto com a aproximação do homem. O sal os foi acostumando ao homem e por fim não mais fugiam.

Neste tempo Nestor aproveitou para cercar um pedaço de campo para gado leiteiro.

Neco Batista, que trabalhava agora como capataz, era homem de seus quarenta anos rijo, talhado para as lides do campo. Tipo dos que para executarem algum trabalho necessitam de uma cabeça pensante. Tendo o patrão planejado, podia ficar tranquilo que o Neco executava tudo a contento.

Muitas vezes estivera pensando, porque este moço viera de tão longe para fixar residência num lugar abandonado. Sozinho sem ninguém por ele. Quem seria ele e que pretendia. Tentou falar-lhe. Nestor, astuto, mudou de conversa. Neco, no entanto não desanimava. Tentou por todos os meios arrancar-lhe o segredo. E se perguntava:

— Quem era esse jovem entusiasta, que assim trabalhava e vivia solitário e por vezes até abatido. Outras vezes o caboclo o encontrava sentado numa tora de pinheiro mergulhado em profunda cisma. Quando se aproximava Nestor se fazia desentendido, murmurava qualquer coisa ou desculpando-se dizia que estava descansando um pouco e isso o fazia cismar.

Quanto a sua origem a resposta era invariável, que viera dos lados de Valões e ficava nisso. Afirmou que nos tempos de menino passara por ali e por isso sempre pensara em fixar residência nesse rincão do fim do mundo.

Como fosse necessário plantar, saíram a procura de terra de planta. Encontraram-na longe dali. Como a terra era devoluta, fizeram funcionar o machado e derrubaram uma coivara. Nestor olhava para aquelas toras caídas e dizia:

— Pena é não ter um engenho de serra para serrar essa madeira daria boas tábuas para minha casa. Tudo, porém, era muito difícil, muito longe. Fosse como fosse, no fim do primeiro ano já havia levantado uma casa de madeira serrada a braço. No fim do segundo ano possuía capatazes que cuidavam do gado. Trabalhadores mourejavam nas roças e foi adquirindo um ar de respeitabilidade. Os peões diziam:

— Por que será que não casa?

Só pensava em trabalhar. Não ia a festas. Quando, falavam em mulheres, habilidosamente mudava de conversa. As más línguas não lhe davam tréguas e juravam que havia um rabo de saia no jogo.

— Talvez, dizia Neco Batista, eu já tô cum ele desdo principio e não pude arrancá nada.

— Isso vem ainda, disse o Zeca Peixoto. Deve ser uma bonita que ele viu antes de vi para cá e anda tratando de ficá rico pra podê trazê a dona. Seja como for o homenzinho pensa e faz. Não é que inventou de butá um monjolo. Os pau ele já escolheu. Vou começar a escavar e os carapinas vêm amanhã.

— Apois não diga! Vamos tê farinha de milho barata, disse um peão.

— Minha muié, quando sobé, vai pensá num revirado gostoso.

— Mais então, ele vai botá um monjolo. E quem é que vai prepará a farinha?

— Ora a Bertulina, a preta vêia, que veio lá dos confins do Juda, onde o diabo perdeu as botas. Adispois que a preta chegou a casa virou do dia pra noite. Já se come na hora certa e comida boa. Muié é sempre muié nem que seja preta como a noite. Antonces ele apareceu por esses dias com um relógio de parede.

— Pr'os diabos, que é que está pensando o patrão?

— Não sei, mais fala que vai fazê casa grande.

— É verdade, já escolheu os pinheiros e cedros. Já contratou os homens para serrar a madeira. Estava-se no fim do segundo ano. A primeira colheita prometia bom resultado. O feijão resultara abundante. Foi preciso levantar um paiol para guardar o feijão. Cuidou-se ao mesmo tempo de rachar tâbuas de pinheiro para fazer o assoalho para posteriormente amontoar o milho. O terreno produziu abóboras como pedras. Isso deu-lhe o ensejo para criar porcos. Com pinhões, milho e outras frutas em pouco tempo varas de porcos corriam a fazenda. Até ali tinha sustentado os homens com algumas cabeças de gado vendidas. Agora decidiu matar a porcada e vender a banha. O preço estava baixo. Grande quantidade, porém, sempre dava bom lucro. A mão de obra era barata.

Um negociante que visitara, achou a morada primitiva, todavia viu que o rapaz tinha tento para levar avante a tarefa.

— Vancê em poucos anos é homem feito.

— Se Deus quiser, respondeu tirando respeitosa mente o chapéu.

— Isto é como quem já viu. Não vai muito tempo aí vem uma morena na garupa. Bateu-lhe nas costas e foi sacando da guaiaca as pelegas que pagavam o lote de banha comprada.

— Pode ser, não digo que não. Ainda é cedo para pensar nisso. Talvez um dia. A preta vêia chegou não sei de onde, cuida da casa e eu posso seguir o meu caminho.

— Escolha uma que possa continuar isso que foi começado aqui.

— Vou vê. E despediram-se.

x x x

Dois carpinteiros com alguns trabalhadores da redondeza, começaram o trabalho de barragem de um dos ribeirões que vinha do noroeste. Um cedro havia sido escolhido para fazer o medeiro do monjolo. Com enxós escavaram uma extremidade de modo a formar um recipiente. No centro entre as duas extremidades abriram uma cavidade e por ela atravessaram um cerne de peroba de modo horizontal. Este cerne descansava sobre dois esteios. Na outra extremidade abriram nova cavidade vertical e por ela meteram um torno razoável, que fazia as vezes de mão de pilão. Este torno ia cair dentro de uma redoma de madeira de uns sessenta centímetros de diâmetro por meio metro de profundidade. A água represada corria por uma calha e enchia o recipiente de uma extremidade, com o peso levantava-se a outra extremidade, enquanto essa descia, fazendo o jogo do balanço. A água escorrendo fazia o tronco voltar ao horizontal e o torno cair sobre o milho intumescido. Mister é que se diga que o milho ficava alguns dias na água para por meio desse tratamento se livrar da película que envolve o grão. Livre dela o processo de socagem, após ter sido passado na peneira, tornava-se mais fácil para obter a farinha de milho. Diziam os caboclos: que o monjolo cantava sempre a mesma música: Este mundo é um Louco, mas enfim, tome lá — puff! Terminado este trabalho que se estendia por alguns dias a farinha era levada para um forno de cobre. Num fogo brando o tacho de cobre era aque-

cido por baixo. Por cima, depois da limpeza do azinhavre, polvilhava-se a farinha úmida que se converta em brancos bejús, que se esfarinhavam novamente, dando a célebre farinha de milho. Essa era recolhida num saco. O trabalho exigia uma certa perícia e muita paciência. Se a pessoa facilitasse a fornada queimava. Raramente acontecia, tal o cuidado que dedicavam ao mister. Recolhiam-na com um trapo mais grosso para evitar queimaduras.

A farinha conserva-se por muito tempo e tinha várias aplicações. Alguns a comiam com feijoada. Fazia parte integrante do revirado. E a passoca era tanto mais nutritiva quanto mais farinha de milho entrasse em sua composição. A passoca era o alimento preferido dos caçadores. Não era necessário muito. Um saquitol pendurado à cinta e quando a fome apertasse bastava tirar um ou dois punhadinhos (concha das mãos) e podiam continuar suas andanças, por que o alimento sustentava mesmo. É de sustança: diziam. Para fazer a passoca tomavam carne (charque) entre gordo e magro, picavam-no e punham-no a frigir. Dentro da panela a frigir jogavam a farinha para depois levá-la ao pilão e socá-los até tudo se tornar farinha.

Também na estância das araucárias no fim de quinze dias lá estava o monjolo a gemer noite e dia a sua cantilena. Nestor teve um sorriso de satisfação, quando o monstrengo funcionou. Todos os agregados se achegaram para ver o trabalho do patrão.

— Amigos, disse Nestor, amanhã vamos festejar o acontecimento. O Zeca se encarrega de matar a novilha malhada e fazemos uma churrascada e do resto charque.

Todos saíram satisfeitos. Neca Batista resmungou: Até que enfim ele riu. Contento mesmo estava a preta Bertulina pelo sucesso da estância. O outro dia foi para festejar o acontecimento. Bebeu-se um pouco de consertada e a churrascada correu na maior harmonia. A turma se divertiu junto ao sulco do braseiro, onde assavam o costelado e a carne.

Nestor chegou onde os homens se divertiam e lhes falou:

— Festa maior será quando a casa ficar pronta. Os homens já estão serrando a madeira. Arranjei doze homens para se revesarem e assim o serviço continuará mais depressa. Então faremos um fandango e vamos divertir a macacada toda. Todos aplaudiram as palavras do jovem chefe. Também os homens serradores estavam ali e o principal divertimento consistia em contar causos e imitar o mais bobo da turma. Tinha um tal de Jeroime, que além de engraçado, sabia contar causos. Imitava gogos, contava lorotas. De vez em quando ouviam-se gostosas gargalhadas. Alguns jogavam cara ou coroa. Outros jogavam “garrafa”. Este jogo consistia de paus em formato de garrafa, e um alvo fincado no chão. Aqueles que atirando a pseudo-garrafas chegassem mais perto do alvo faziam mais pontos. O jogo terminava com vinte pontos feitos. Quem derrubasse o alvo tinha dez pontos ganhos.

À tarde chegou um gringo com uma sanfona. Gaita de oito baixos. Naqueles tempos um sucesso. Tocavam: “Meu boi barroso”, “A Jardineira”, “Melindrosa”, “Ingrata” e outras que não lembro mais. Ao som da sanfona o pessoal se influiu, ensaiou um fandango e espalhou

o pé no terreiro limpo da fazenda. Com a sanfona a festa estendeu-se noite adentro. Já bastante tarde, despediram-se do patrão que lhes acenava da porta da casa. Achava que devia ser grato aqueles homens, por tudo o que possuía, devia a eles pelo seu devotamento e trabalho.

Muita coisa melhorara e havia muito a melhorar ainda. Onde ele se encontrava o perigo de ser encontrado pelos jagunços era remoto. Não podia, contudo, afastar essa possibilidade. Naquela noite antes de dormir, porque a música, a festa acordara as saudades, fez mil planos para rever a menina de seus sonhos. Como precisava de uns cobres para pagar o pessoal, resolveu vender uma tropilha. Escolheu seus melhores peões para ajudá-lo. No dia seguinte preparou tudo para a viagem. Cediinho partiram no terceiro dia. Para onde seguiria? Ora, para Canoinhas, Bela Vista do Toldo. A terra que sabia acolhera a sua amada que devia existir em algum recanto daquele recanto perdido. Bela Vista continha a morena de seus desejos. A linda como falava em seus pensamentos, que vivia em seus sonhos, objeto de sua veneração, motivo de todo o seu trabalho e canseira.

Naqueles dias, não como hoje em que a mulher é mais olhada como objeto do que como a futura esposa, prazer da satisfação erótica do homem, não a dona do coração, a flor abraçada e beijada a torto e a direito e que levada para casa pelo casamento, torna-se objeto de repúdio, quando já não satisfaz as exigências do sexo, único fito em grande parte dos casamentos mal formados, fruto da educação excessivamente libertina de nossa juventude. O casamento nada mais lhes oferece, já provaram tudo antes.

Não assim naqueles bons tempos em que a mulher era a dona do lar, era a mãe dos filhos e com poucas exceções não era encarado de outra forma o casamento. O amor era considerado como elemento de comunhão humana. A mulher tanto pode elevar o homem às supremas culminâncias do amor como pode levá-lo ao desespero e fazê-lo cometer os mais abomináveis crimes. Ela pode ser a flor que desabrocha no lar e pode ser a serpente que destila o veneno da infidelidade, do ciúme, da paixão. Esta em vez de se converter em amor, converte-se em ódio. O cristianismo fez muito pelo amor, convertendo-o num pecado. Não digamos aqui amor, porque amor no verdadeiro sentido da palavra nunca pode ser pecado. O amor que pode ser pecado, nada mais é que a paixão. É a paixão que é a raiz do amor de dois seres só se converte em verdadeiro amor através da reguladora das paixões que é a razão.

Olhada pelo lado da paixão o cristianismo teme a mulher, que excluiu do sacerdócio. Ele a teme e ele mostra quanto é perigosa e para isso evoca o Eclesiastes que diz: Os braços da mulher são semelhantes à rede dos caçadores. E aconselha: "Não vos apoiéis num caniço que o vento agita, e não depositeis nele a vossa confiança, porque toda carne é como erva a sua glória passa como a flor dos campos". É nesse sentido também que chama a atenção para aquela que perdeu o gênero humano: Toda a malícia é pequena comparada a da mulher. Tudo isto olhado da parte da paixão. Da parte do verdadeiro amor, da parte do verdadeiro sentido da vida a mulher eleva o homem e ele mesmo chega aos pontos mais altos do heroísmo na dedicação ao esposo e amor entranhado pelos filhos.

Era com os olhos na futura esposa, na mãe de seus filhos futuros, que Nestor buscava com tanto interesse aquela que agora devia ser uma moça, uma jóia.

Agora ali estava com seus valentes peões para o caso de ser atacados houvesse força suficiente para a defesa. Sem novidade chegara até Bela Vista. O gado nesses dias não valia muito. Vendia-se uma rês aqui e outra ali para corte. Uma tropilha inteira para um dono só era obra do acaso. Nestor conseguira vender todo o gado que trouxera. Despachou os peões e ficou rondando a terra de Bela Vista sem contudo encontrar sombra da menina que um dia lhe tocara o coração.

Passou pelo desgosto de não encontrá-la. Era no tempo de preparar as roças e a terra de planta ficava longe. Elisa com o pai e irmãos estavam na plantação. As roças ficavam longe, por isso, a família se transferia para lá até terminar o plantio. Em casa ficava somente a dona e filhos menores ou um casal de criados de confiança para tratamento da criação.

Assim ele só sabia que ela existia. Não lhe sabia o nome. Ignorava o nome de sua família. Mesmo fascinado pela idéia de vê-la, não se abriu para ninguém, nem procurou saber quem poderia ser o pai. Queria encontrá-la sem o favor de quem quer que fosse. Era pesquisa exclusivamente sua. Desprezava qualquer interferência de outrem.

Retornou dias depois à estância, nada disse e continuou o seu trabalho, com mais disposição ainda. O que para outro seria motivo de desânimo para ele era causa de persistência em seu propósito.

Trabalhando, planejando mais dois anos se passaram. Nesse tempo ficaram prontas as tábuas da casa. Como temesse os jagunços que ainda não o haviam descoberto, ele resolveu estudar o local da futura casa com atenção. Foi descobrir perto dali uma aprazível encosta, cujo fundo dava para um boqueirão. Estudou o local com toda a perícia de que foi capaz e resolveu construir nessa colina donde podia avistar boa extensão da estância a casa. O local oferecia boa posição para defesa em caso de ataque. Disposto a vender caro a sua pele, fortificou-a a grosso modo. Seus inimigos, quando o descobriram planejaram a ataque e como Nestor previra pereceram nele.

x x x

Da zona de plantação emanava um fio d'água que passava junto da casa engrossando numa torrente ao se juntar com outro que vinha do noroeste. Esta água utilizou-a para movimentar um monjolo. Mais abaixo, uma bica desviava o curso para um cocho de lavar roupa. Em tudo pensou o jagunço antes de conduzir ao lar a bela dama. Na estância tudo seguia o mesmo ritmo de trabalho que ele desde os primeiros dias imprimira. Seus peões eram homens escolhidos. Só aceitava homens insuspeitos de terem ligações com o pessoal dos redutos. Qualquer suspeita era motivo de despacho. Uma tenaz vontade de vencer e uma decisão firme faziam-no progredir naquele fim de mundo falto de tudo. Onde há uma vontade há também um caminho e essa persistência na decisão tomada fê-lo progredir. Essa firmeza também se mostrava na escolha dos homens que deviam participar nessa sua luta. Por isso confiava em Neco

Batista que crescera com ele e que estava sempre de olho em tudo o que se passava. Uma vez denunciado o homem podia partir, Nestor, provada a culpa jamais voltava atrás. Foi esse o modo de agir que lhe deu prosperidade. Todavia, nos horizontes apontava sempre a figura da menina que um dia seria a dona desse lar conquistado à força de ingentes sacrifícios.

Temendo sempre um assalto dos jagunços, porque os rumores não cessavam, num domingo pela manhã Nestor desceu ao boqueirão e examinou detidamente aquela região. Um carazal verde, denso subia pelas abruptas encostas e contrafortes da pirambeira. Enormes pinheiros erguiam-se sobranceiros, saudando por primeiro o nascer do sol. A mata espessa, entrelaçada de cipós, tramada de arbustos, alguns espinhosos, de abundantes galhadas, tornava difícil a penetração. Enfrentando todos os obstáculos percorreu boa parte da valada. Ao chegar ao fundo do boqueirão topou uma trilha de caçadores que subia para a colina onde pretendia construir. Desceu por ela e foi dar numa grande mata muito abaixo de sua estância. Ao voltar pensou e para pensar melhor sentou-se numa pedra à beira do picadão e assuntou. Se fosse atacado, fugiria por aqui. Meditou as dificuldades de dominar a escuridão, os perigos a que expunha a companheira. Por fim resolveu vir para aí de noite para acostumar-se com a picada. Dizer e fazer foi um só. Seguiu agora a trilha sob o denso carazal até chegar ao local da construção. Era tão denso o carazal que dele emergiu sem deixar vestígio. Marcou bem o local e perto de meio-dia chegou em casa. Conservou consigo o segredo e ninguém jamais soube por onde andara naquele domingo. De noite procurou descer a picada em plena escuridão e o conseguiu, voltou satisfeito.

Certo dia, em que Bertulina costurava numa máquina de mão que lhe comprara e os peões estavam em sua lida rotineira, Nestor abriu a picada e desde então sempre a conservou mais ou menos aberta para a fuga. Muitas noites esgueirava-se sob espesso carazal e dentro da escuridão achava o trilho e tornava a casa.

Jamais se soube porque esperava que sua fuga seria à noite, talvez porque julgasse que, com as medidas que tomara os jagunços jamais se atreveriam a atacá-lo de dia claro.

x x x

Desistir para aquele que crê em sua boa estrela é impossível. Por isso passou em revista tudo o que pretendia realizar antes de ir buscar a jovem. Ele estava certo de que ela viria com alguém da família conhecer a estância que a aguardava como dona. Talvez nunca houvesse alguém que por amor de uma mulher, sobretudo pairando uma dúvida, tivera a ousadia de enfrentar tantos sacrifícios, sabendo que ela poderia pertencer a outrem, quando ele se desse a conhecer. Franziu a testa diante deste pensamento. Desanuviou-se, porém, o seu semblante ao voltar o seu pensamento para sua boa estrela. "Ela não tem dono, ela será minha" e esta idéia fixa o confortou.

Apesar dos percalços e dificuldades sem conta conseguira em pouco tempo uma pequena fortuna. Sonhando sempre com o rosto formoso de Elisa que ele via moça ele ia vencendo todos os obstáculos que o decorrer dos dias lhe atriava aos pés. Quando o desânimo queria inva-

dir-lhe a alma, invocava a imagem da tímida donzela que vira na carroça naquela fatídica manhã. Imagem que tivera o condão de transformar-lhe a vida.

Ajudara na matança da vaca, comera-lhe a carne, arrastado pela fome. Jurara sobre os ossos da mesma que seria a última vez e cumprira a palavra. Hoje ao lembrar-se do rosto da donzela, sentia remorsos, na ocasião, porém, a fome falara mais alto. Agora comeria carne de suas próprias reses. Reses de sua propriedade, havia de regenerar-se. Estava regenerado e cumpria o seu dever. Em tempo lembrou-se de arranjar um professor e aprendeu a ler e escrever. Fez progressos e teve mesmo a intenção de fundar uma escola na fazenda. Mais rumores de assaltos dos jagunços fizeram-no desistir da idéia, porquanto sentia que seria desalojado e teria de abandonar tudo. Desacreditava em suposições, todavia as notícias que corriam davam-lhe quase certeza.

Antes, porém, faria uma viagem a Canoinhas e procuraria pelas casas, como já fizera antes, o paradeiro da linda moça que lhe cativara o coração. Queria vê-la novamente, queria falar-lhe. Queria contar-lhe as peripécias que enfrentara até o ponto de ousar pedi-la em casamento, caso ela pudesse gostar dele.

Veio tirá-la de seus pensamentos, a preta Bertulina anunciando o almoço.

Conversou com a preta velha e passando pelo galpão ia entrando para o almoço, quando avistou um cavaleiro.

Dispôs-se a almoçar e após o almoço ficou esperando o cavaleiro. Devia ter ficado a conversar com um peão ou capataz pois só chegou meia hora após. Vendo Nestor, para ele dirigiu-se:

— Com licença, moço! Bastardes!

— Boas tardes! Que deseja o amigo?

De passagem por aqui, lembrei-me de fazer-lhe uma visita. Sou filho de um fazendeiro lá de Campos Novos e ouvi falar de sua conduta e do seu trabalho. Meu pai está arranjado. Pedi-lhe que me permitisse fazer umas viagens para conhecer as redondezas e no roteiro incluí a sua fazenda. Como gosto de festa trouxe comigo um violão. Se me permite toco umas modinhas, isto é, eu canto e acompanho no violão.

— Mau! pensou Nestor. Se a minha fama já corre mundo então sem demora os jagunços batem por aqui e haverá luta. Porque de graça jamais entregarei o fruto de meu trabalho.

O moço com aquiescência do estancieiro correu ao cavalo e desamarrou da sela o instrumento. Afinou as cordas com perícia e voltou um olhar interrogador para Nestor.

— Se quer me dar o prazer, pode tocar ou cantar uma de suas modinhas.

O outro não fez de rogado, arranhou uns acordes de harpejo, passando depois para uma surdina, ponteou uma modinha que passou a acompanhar na sua bela voz de tenor rude. Neco Batista que vinha do campo com três filhos foi chegando e passou a admirar o cantor.

Nestor, hospitaleiro, ofereceu almoço ao forasteiro. Depois do

almoço o jovem deu uns compassos de fandango e foi o começo de uma festinha que se prolongou até às duas horas. Todos voltaram ao trabalho e Nestor anunciou que o jovem seria seu hóspede e que à noite teriam ocasião de ouvi-lo novamente.

Terminados os misteres do dia, todos se reuniram no galpão e o fandango divertiu a turma até altas horas. Bertulina serviu concertada o que esquentou os ânimos só a custo deixaram a festa para recolher-se. A lua palmilhando o minguante nascia agora mutilada por trás das escuras araucárias.

Notando pendores musicais no jovem estancieiro, permaneceu uns dias na fazenda para o iniciar no manejo do difícil instrumento. Dotado de alma musical em pouco tempo aprendera as lições de seu mestre. Possuía uma bela voz coisa que tinha passado despercebido, porquanto só pensara em ganhar dinheiro, cuidar dos afazeres da fazenda, sem olhar para o lado bom da vida, que é mais belo, porque a torna mais agradável e os dias menos taciturnos.

O moço vendeu-lhe o instrumento e desde então passou a ensaiar. Decidiu, por fim procurar Elisa e fazer-lhe uma serenata. Como das outras vezes resolveu em poucos dias nova viagem a Canoinhas. Passou ordens a Neco Batista, seu braço direito, para que tudo continuasse no mesmo ritmo durante sua ausência.

Saiu no dia marcado com um peão e umas vinte reses para venda. Desta feita ao chegar em Bela Vista já havia vendido tudo. Mandou retornar o peão com o muar que trazia a matalotagem, ficando apenas com alguma roupa. Pediu quarto na hospedaria de Silveira e passou a procurar a donzela.

Teve as mesmas decepções das outras vezes. Teria sido mais fácil perguntar se conheciam uma donzela e descrevê-la. Enfim dar uns dados a fim de que alguém o informasse a respeito. Todavia não era de seu feitio. Ele tinha de encontrar a moça por si mesmo sem o auxílio de ninguém.

Cantou modinhas na venda do Silveira. Divertiu a moçada. Cantou desafio, esperou vasculhou os arredores, pois saía cada dia, a moça parecia ter desaparecido da face da terra. Depois de três dias de ansiosa procura dispôs-se a voltar. Nada feito. Os pais naqueles tempos guardavam bem as filhas. Estas raramente saíam e quando saíam, geralmente estavam acompanhadas. Foi nessa ocasião que Campano o viu e comunicou o fato a Marcos naquele domingo pela manhã.

De volta à estância, entregou-se à lides diárias como qualquer peão. Andava mais taciturno que antes, às vezes tocava a pedido dos peões e amigos. Todos estavam dispostos a ajudar, conquanto soubessem o que se passava naquela alma. Ele, porém, desconversava todas as vezes que pretendiam sondar-lhe o coração. Quando não, levantava-se do tamborete onde costumava sentar-se e encerrava a reunião.

(Continua no próximo número)

CAIXA POSTAL

Eng.º JOSÉ AUGUSTO ALAYA — Campinas - SP — “Blumenau em Cadernos” não endossa conceitos emitidos por seus colaboradores, uma vez que o artigo vem assinado.

JÚLIO MESQUITA SALLES — Belo Horizonte - MG — Números disponíveis foram remetidos; os restantes acham-se esgotados.

ARMEN MAMIGONIAN — Presidente Prudente - SP — Nós é que agradecemos gentileza suas palavras,

Dr. HITOSHI NOMURA — Ribeirão Preto - SP — Tomamos ciência seu novo endereço. Gratos.

Dr. ALBERT TACO LAGOS — Rio de Janeiro - RJ — Agradecemos suas atenções e do valor que dá à nossa modesta publicação.

DOM QUIRINO A. SCHMITZ — Teófilo Otoni - MG — Gratos pela sua honrosa missiva. Folgamos em saber, que aprecia nossa modesta revista. Agradecemos ainda, o envio “Informativo Pastoral”. Recibo assinatura seguiu via postal.

ELMAR JOENCK — Rolândia - PR — Seu pedido já foi atendido. Despachamos pelo correio registrado coleção “Blumenau em Cadernos” solicitados.

JOSÉ AUGUSTO MIOTO — Lages - SC — Seu pedido de publicações já foi atendido. Remetemos pelo correio o que solicitou.

AFONSO IMHOF — Ioinville - SC — Recebemos, por seu intermédio, a colaboração de Elly Hernkenhoff, que muito agradecemos. Publicaremos na primeira oportunidade.

CARLOS GAERTNER SOBRINHO — Rio das Antas - SC — Ótimo! Publicaremos em breve; com os nossos agradecimentos.

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 25,00

Número avulso Cr\$ 3,00 -- Atrasado Cr\$ 5,00

Assinatura para o exterior. Cr\$ 50,00 anuais

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425
89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/7

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico

Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

(exclusivamente para serviços internos)

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente

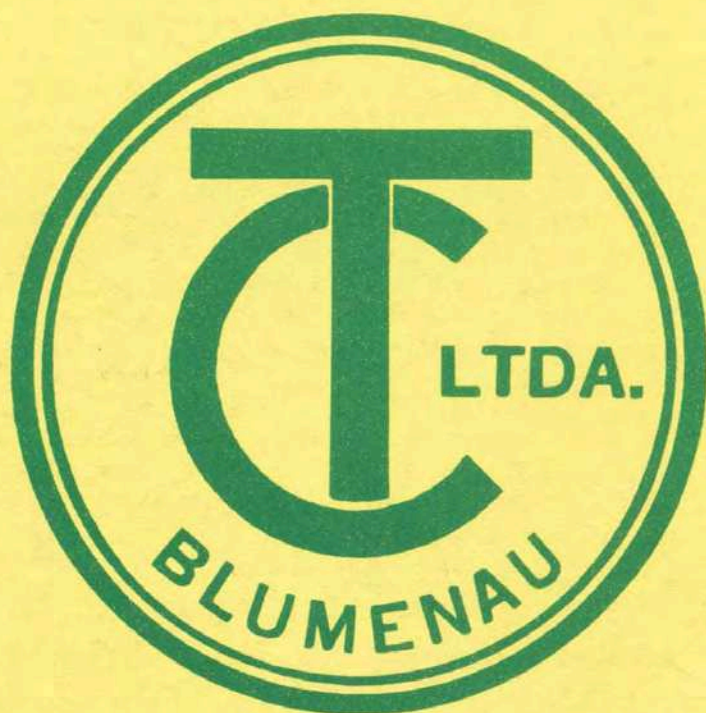
Edison Mueller - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —

Isolde Hering d'Amaral — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

IMPRESSÕES EM OFFSET A CORES



A LIVRARIA DE SEU FILHO
RUA 15 DE NOVEMBRO, 1422/24 - FONE 22-2627 - C.P. 651
INDÚSTRIA - RUA AMAZONAS, 1505/31 - FONE 22-3627 - GARCIA

BLUMENAU - STA. CATARINA